

# Sintonizados na ciência

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



Myrna Spritzer acompanha a gravação de textos radiofônicos pelos bolsistas do projeto de iniciação científica que coordena junto ao Instituto de Artes

**Salão UFRGS** Chegou a hora do maior encontro acadêmico organizado pela Universidade. Na semana de 21 a 25 deste mês, a comunidade universitária e o público externo

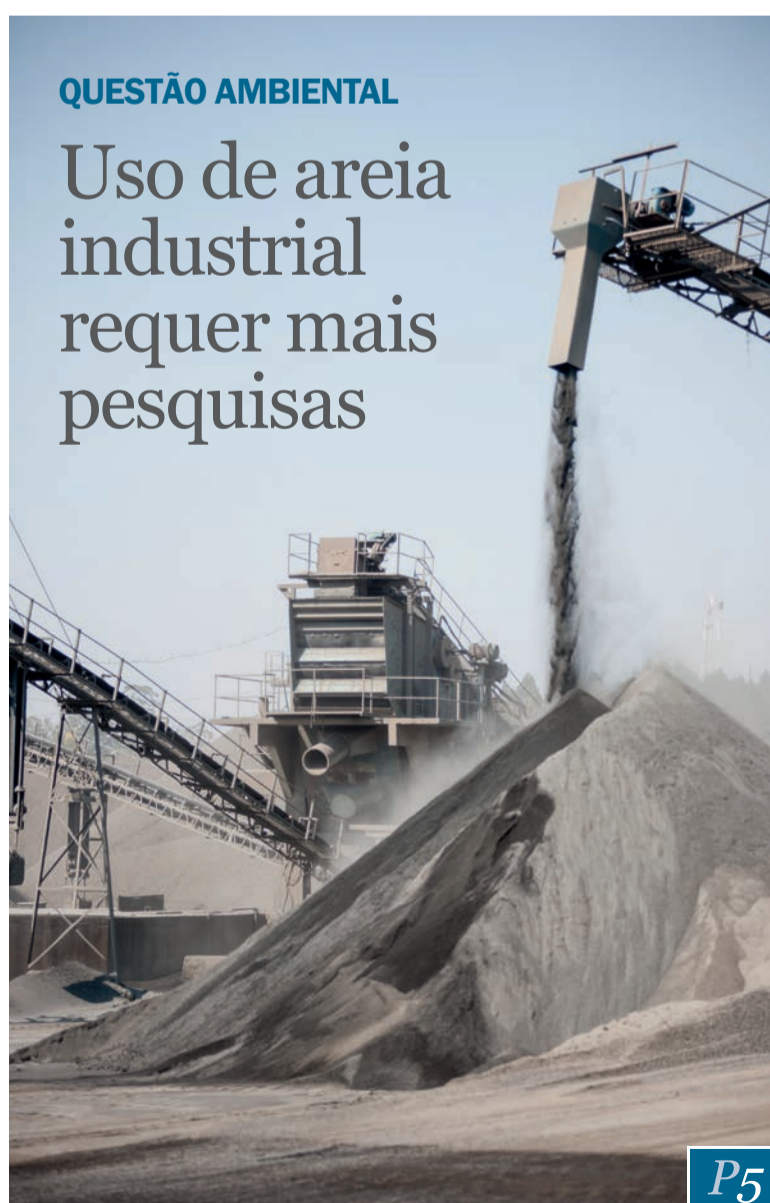
terão a oportunidade de conhecer os projetos desenvolvidos nas áreas do ensino, da pesquisa e da extensão. A fim de registrar o quanto esse momento repercute na trajetória

daqueles que dele participam, o JU falou com estudantes e professores em busca de relatos e avaliações que mostram o que motiva a comunidade acadêmica a participar desse evento.

*CadernoJU*

## QUESTÃO AMBIENTAL

### Uso de areia industrial requer mais pesquisas



P5

## REGULAÇÃO DA MACONHA

### Política uruguaia pauta debate

Enquanto o país vizinho está prestes a pôr em prática uma política de regulação para o consumo da substância, as opiniões se dividem na academia. Psiquiatras do Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade (CPAD) afirmam que não há um parâmetro exato para o consumo seguro e que os efeitos cancerígenos e colaterais da droga são maiores do que seus potenciais como remédio. Professoras de Psicologia e de Sociologia da UFRGS argumentam que medidas restritivas não têm efeito duradouro e que a proposta do governo uruguaio tiraria o controle do traficante. **P11**

## PETER SINGER

### O filósofo que defende a eficácia social do altruísmo

P9

## E-BOOKS

### Novas formas de acesso público

Embora o sistema de bibliotecas da UFRGS já disponibilize um pacote de obras em e-book para o acesso de toda a comunidade acadêmica, a coordenadora do setor avalia que o mercado nacional ainda oferece poucas soluções que sirvam às demandas universitárias. A expansão dos e-books ao mesmo tempo que muda hábitos de leitura, provoca insegurança por parte do mercado editorial. Para garantir questões como direitos autorais, as editoras têm desenvolvido novos modelos de negócio que beneficiam pessoas físicas e instituições. **P7**

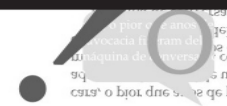
## Saúde

### Os equívocos na criação do Programa Mais Médicos P4

## Política

### A radicalização da luta pelo poder no Egito P10





## Espaço da Reitoria

Rui Vicente Oppermann  
Vice-reitor

# Formando cientistas

A Universidade realiza a terceira edição de seus Salões Integrados, apresentando à sociedade uma vitrine de iniciativas no campo do ensino, da pesquisa e da extensão. Mais do que uma mostra de projetos, o evento representa a primeira experiência de estudantes no compartilhamento de suas ações como bolsistas e um passo a mais na consolidação da carreira de nossos docentes e técnicos. A UFRGS há muito aposta em uma formação para além das salas de aula e dos laboratórios, apoiando, por meio de programas de incentivo, trabalhos desenvolvidos dentro e fora de seus muros.

No âmbito do ensino, são apresentadas as experiências de docência nas mais diversas modalidades, incluindo os programas de Iniciação à Docência, de Monitoria, de Educação Tutorial e de Apoio à Graduação, entre outros. Também os processos de ensino e aprendizagem ganham destaque, na medida em que oficinas e colóquios abrem oportunidade para a discussão de

temas transversais relativos à formação de professores e à educação superior. Essas oportunidades se estendem ainda para a pós-graduação – uma área em que crescemos e marcamos presença, recebendo as mais altas avaliações em nossos cursos.

Naquela que foi a iniciativa pioneira na disponibilização de um espaço para a promoção e o acompanhamento das atividades de iniciação científica dos alunos de graduação, realizadas nos grupos de pesquisa da nossa Universidade – o Salão de Iniciação Científica –, permanece a ideia de propiciar oportunidades de treinamento em divulgação da pesquisa desenvolvida pelo aluno, já que ali são replicadas as condições que o futuro pesquisador enfrentará quando quiser submeter seus resultados ao crivo dos pares e da sociedade.

No que diz respeito ao estabelecimento de um diálogo com a sociedade, a extensão traz exemplos de inserção nas ações de promoção e garantia dos valores democráticos. Outro

espaço de pluriculturalidade é oferecido pela área das relações internacionais, na qual são expostos à comunidade acadêmica os esforços empreendidos para a internacionalização da UFRGS e os caminhos trilhados para torná-la, cada vez mais, uma universidade do mundo.

Finalmente, na área da iniciação à inovação e ao desenvolvimento tecnológico, a UFRGS valoriza e divulga a iniciação tecnológica no campo da pesquisa e o acompanhamento dos trabalhos realizados pelos bolsistas. Esta edição do Salão UFRGS apresentará também trabalhos desenvolvidos em gestão ambiental, resgate do patrimônio histórico, pesquisas e estudos sobre desastres naturais e feira de serviços do CPD.

Avaliada como uma das melhores instituições de ensino superior do país, é com orgulho que a UFRGS expõe aquilo que produz e convida a todos para prestigiar esse grande evento, que ocorre de 21 a 25 de outubro nos câmpus Centro e do Vale.

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,  
Porto Alegre - RS | CEP 91046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497  
Email: jornal@ufrgs.br

**Conselho Editorial**  
Ánia Chala, Cassiano Kuchembecker Rosing, Cida Golin, Luiz Carlos Pinto, Michéle Oberson, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer, Temístocles Américo Corrêa Cezar

**Editora** Ánia Chala  
**Subeditora** Jacira Cabral da Silveira  
**Repórteres** Ánia Chala, Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein  
**Projeto gráfico** Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)  
**Diagramação** Kleiton Semensatto da Costa  
**Fotografia** Flávio Dutra (editor) e Thiago Cruz  
**Revisão** Antônio Falcetta  
**Bolsistas** Bárbara Gallo, Júlia Corrêa e Rafaela Pechansky (Jornalismo); Júnior Sérgio Schneider (Relações Públicas)  
**Circulação** Vanessa Gastal Fernandes  
**Fotolitos e Impressão** Gráfica da UFRGS  
**Tiragem** 14 mil exemplares

f /jornaluniversidade

## Mural do leitor

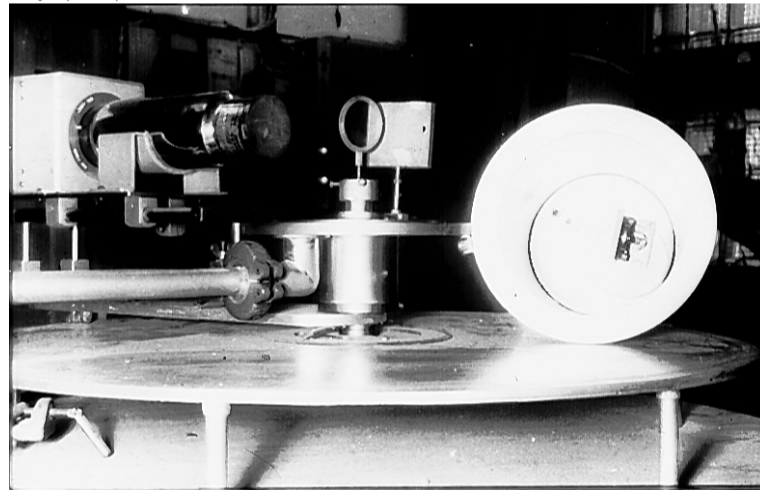
### Rio de Arte

Parabéns pela edição de setembro do Caderno JU. Muito legal ler o que se viu pelo relato de outra pessoa. Mesmo grande, foi gostosa de ler. Um ótimo roteiro para alunos que não tiveram a oportunidade de ir nesta vez. Muitas pessoas já pediram-me o roteiro, e o jornal mostra bem o que se viu.

• Vera Py, aluna especial que participou da viagem de estudos do curso de graduação em História da Arte da UFRGS

## Memória da UFRGS

RESQUIN / LUME / UFRGS



# 1965

Detalhe da primeira mesa de correlação angular montada no Instituto de Física. O Laboratório de Correlação Angular foi o primeiro laboratório de pesquisa instalado no Instituto de Física, no início dos anos 1960. Funcionou até meados dos anos 1980, quando a técnica de correlação angular deixou de ser utilizada.

## Artigo

# Quais os caminhos do continente no século XXI?

No dia 12 de outubro recorda-se a chegada de Cristóvão Colombo às terras que, algum tempo depois, receberiam o nome de Américas. Deixando de lado a dicotomia descoberta/invasão que cerca essa data, é preciso reconhecer que houve uma tentativa recente de ressignificá-la. Surge daí o *Dia de la Raza*, feriado em alguns de nossos países vizinhos, que não fala de descobrimento ou invasão, mas sim da diversidade étnica que ainda marca essas terras, mesmo após séculos de exploração e extermínio de populações originárias.

Ainda que essa ressignificação busque um tom mais acorde à interpretação majoritária desse acontecimento, uma nova data vem se inserindo no calendário histórico do continente e ganhando espaço como referência em sua agenda de lutas: o dia 11 de outubro, reconhecido, na sua qualidade de véspera do *“mal encuentro”*, como o último dia de liberdade dos povos originários do nosso continente.

Essa nova mobilização emerge de um cenário de intensificação das lutas populares, com o crescente protagonismo de atores historicamente marginalizados que saltam agora à arena principal de seus respectivos países. É interessante observarmos como esse protagonismo cresceu e se fortaleceu em condições que até pouco tempo eram vistas

como as necessárias para o estabelecimento de um ordenamento social de maior justiça e equidade. Poucos foram os momentos da história sul-americana em que tantos governos se posicionaram no campo de (centro-) esquerda do espectro político e se afirmaram executores de políticas progressistas.

Paradoxalmente, porém, é em meio a esse contexto que encontramos o acirramento das tensões envolvendo governos e as outras dimensões da vida social as quais eles deveriam representar. A busca de um modelo de desenvolvimento amparado no ideal do crescimento econômico, sustentado no aumento das atividades extrativistas e na apropriação privada de ativos ainda não mercantilizados, com a tentativa de supressão das tensões causadas pela desigualdade extrema, utilizando-se de políticas compensatórias, mostra-se cada vez mais um modelo com curto prazo de validade. O acirramento do conflito social em nosso subcontinente nos últimos anos é uma prova irrefutável disso.

É para refletirmos sobre esse cenário, colocando-nos como participantes do debate, que apresentamos à comunidade universitária e ao público as Jornadas Latino-americanas, evento cuja intenção é ter periodicidade anual, inserindo, a cada outubro, essa nova data em nossa agenda de mobilizações.

Nesta primeira edição, as Jornadas contarão com a valiosa presença do boliviano Oscar Olivera, dirigente da *Coordinadora en Defensa del Agua y de la Vida*, o “movimento de movimentos” que, em abril de 2000, mobilizou distintos setores populares de Cochabamba – a quarta maior cidade da Bolívia –, paralisando-a e conseguindo, com isso, a reversão da privatização dos serviços de distribuição e tratamento de águas da cidade, que haviam sido concedidos a um consórcio liderado pela estadunidense Bechtel Corporation.

A vitória conquistada nas ruas pelo movimento liderado por Olivera foi paradigmática. Ao unir distintos movimentos (pequenos agricultores, trabalhadores da indústria, entidades de bairros), a partir da politização de uma escassez comum a esses grupos, foi possível atingir um nível de conscientização e de questionamento ao ordenamento político-econômico (então) vigente que lhes permitiu uma vitória que poucos foram capazes de realizar.

Esse perfil de mobilização evidencia o esgotamento dos atores vinculados à política tradicional como representantes da sociedade e como mediadores entre esta e os governos. A resposta a isso parece ser, cada vez mais, o fortalecimento de uma nova cultura organizativa, de novas formas de associação nas quais se

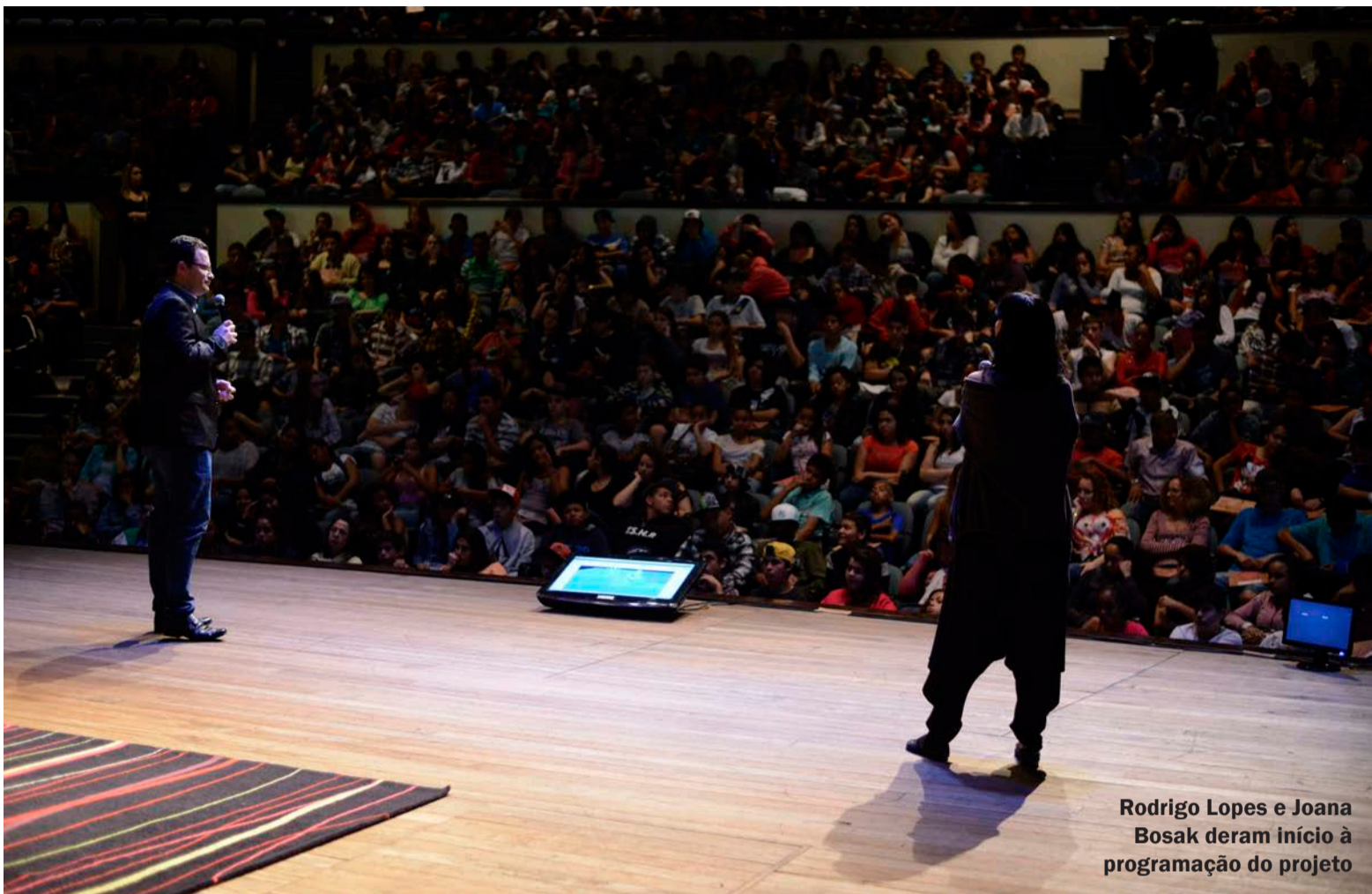
sobressai a autogestão e a horizontalidade. O grito emanado das ruas brasileiras em meados deste ano emulou, de alguma forma, aquele cenário das ruas de Cochabamba. E diversos outros movimentos, distribuídos ao longo do tempo e do espaço sul-americano dos últimos anos, também o fizeram.

É interessante observar que todo esse contexto se constrói de forma concomitante à crise que vem assolando vários países europeus e que coloca em xeque sua posição hegemônica de *locus* de enunciação de caminhos e possibilidades de transformação social. Ressalta-se, assim, a importância da reflexão e do debate sobre as propostas e iniciativas surgidas a partir das experiências da população de nossa região do mundo. As Jornadas Latino-americanas somam-se à tarefa de pensarmos novas possibilidades de emancipação social para o nosso continente.

As Jornadas Latino-americanas / Colégio de Aplicação - UFRGS ocorrem entre os dias 7 e 11 de outubro no ILEA e no Pantheon do IFCH. A programação encontra-se disponível em: <http://jornadaslatinoamericanasufrgs.blogspot.com.br/>.

**Marcelo Argenta Câmara**  
Doutor em Geografia pela UFF, professor do Colégio de Aplicação da UFRGS





Rodrigo Lopes e Joana Bosak deram início à programação do projeto

## Fronteirinhas

# Discutindo a democracia

Os estudantes de cerca de 30 escolas públicas da capital que praticamente lotaram o Salão de Atos da UFRGS no dia 10 de setembro para assistir à primeira edição de 2013 do projeto *Fronteiras Educação* – Diálogos com a Geração Z, mais conhecido como *Fronteirinhas*, participaram da aula-show intitulada “A contemporaneidade e a reinvenção da democracia”. O tema, que prendeu a atenção dos jovens, também era o foco do fascículo distribuído gratuitamente no início da atividade. Com um projeto gráfico elaborado para despertar o interesse dos adolescentes que cursam o final do ensino fundamental, o material parte da apropriação das ruas pelos movimentos de contestação que vêm agitando o país nos últimos meses para falar das lutas que marcaram a defesa do direito à liberdade e à indignação ao longo da história.

O encontro, entremeadado por trechos de entrevistas e filmes e pelas provocações do escritor Fabrício Carpinejar, teve como palestrante convidado o jornalista da Zero Hora Rodrigo Lopes e como mediadora a professora do Instituto de Artes da UFRGS Joana Bosak. Experiente em reportagens internacionais, Rodrigo falou de sua vivência na guerra do Líbano, em 2006, e no acompanhamento do terremoto que devastou o Haiti, em 2010, destacando as dificuldades da realização de coberturas jornalísticas dessa natureza. O jornalista também tocou em um aspecto que preocupa os jovens: o dilema da escolha de uma profissão. “Quando criança, eu sonhava em ser químico. Depois, quis ser comissário de bordo

e, mais tarde, publicitário. No ensino médio, fiz um teste vocacional que indicou que eu deveria fazer informática, mas acabei me decidindo pelo jornalismo, porque gostava de escrever e de ler os meus textos em aula, apesar de ser muito tímido. Então, acreditem nos sonhos de vocês, porque acho que devemos fazer as coisas com paixão, pois ela move o mundo”, aconselhou.

**Pensar o mundo** – Joana acompanhou a fala de Rodrigo fazendo provocações à plateia e comentários aos trechos de vídeos exibidos, instigando os estudantes a pensarem sobre os diferentes temas apresentados. Ela, que participa do projeto desde a sua primeira edição, acredita que a aula foi um sucesso. “Hoje, tivemos muitos conteúdos de História, mas acho que conseguimos mexer com o público, embora não seja possível observar uma resposta imediata. Essa gurizada precisa pensar o seu papel nesse mundo com coisas muito contemporâneas, mas que também remetam a questões históricas fundamentais. É isso que a gente procura gerar no *Fronteiras da Educação*: fazer com que a juventude da rede pública se pense como sujeito, capaz de participar de um processo histórico de muitas maneiras”, concluiu.

Na avaliação de Eliane Meletti, diretora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED), ano a ano se percebe que os alunos estão mais bem preparados. “Já acompanhei as edições dos anos anteriores e achei que hoje tivemos uma das plateias mais atentas. O material pedagógico também fez a

diferença, porque eles tiveram tempo de ler enquanto aguardavam o início da atividade. E ele será agora trabalhado em sala de aula”, observa. Já a professora Valéria Carvalho de Leonço, coordenadora do ensino fundamental da SMED, avalia que o projeto tem como aspectos positivos a criação de uma cultura de plateia: “Uma parcela significativa desses alunos participa do *Fronteirinhas* desde o ano passado e já demonstra uma postura de entendimento do que se faz aqui. Para os que vieram pela primeira vez, o ambiente da universidade é um mundo novo, ao qual eles praticamente não têm acesso. Além disso, o projeto permite que os estudantes se deparem com assuntos contemporâneos de forma muito didática. Claro que não vejo aqui uma mudança radical e imediata, mas o início de um projeto de vida para muitos que conseguirem se espelhar no que viram e ouviram aqui”, ressalta. Valéria acrescenta que o tema do encontro é trabalhado antecipadamente nas escolas e que, depois da entrega dos fascículos, cada professor desenvolve os conteúdos em sala de aula.

A ação educacional tem o patrocínio da Petrobras e a parceria institucional da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS e da SMED. O fascículo, o décimo-quarto da série lançada desde o início do projeto, também está disponível para download no site [www.frenteirasdopensamento.com.br](http://www.frenteirasdopensamento.com.br). A edição do *Fronteirinhas* deste mês ocorre no dia 1.º e tem como tema “O futuro das cidades, as cidades do futuro”. Para novembro estão previstas mais duas edições do projeto, nos dias 5 e 27.

## Salões integrados

### Programação diversificada

De 21 a 25 deste mês a Universidade promoverá uma série de atividades culturais com o propósito de integrar a comunidade com as produções acadêmicas e científicas de estudantes, professores e técnicos. A programação iniciará às 18h do dia 21, no Salão de Atos, com uma apresentação conjunta do Coral, da Orquestra Popular, do Grupo Tchê e do Ballet da UFRGS. No dia seguinte, às 17h, no Salão Nobre do gabinete do reitor,

haverá o lançamento do catálogo da exposição “Percurso do Artista - Eduardo Vieira da Cunha”. A programação cultural se encerra no dia 24, às 19h30, com um show da banda gaúcha Papas da Língua, no Salão de Atos. Para este espetáculo haverá a retirada de senhas no Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão a partir de 21 de outubro, mediante a apresentação do cartão UFRGS. Programação completa em [www.ufrgs.br/salaoufrgs](http://www.ufrgs.br/salaoufrgs).

## Honoris Causa

### José Ramos-Horta recebe título

O jurista e Nobel da Paz de 1996, José Manuel Ramos-Horta, recebe, em 1.º de outubro, o título de Doutor Honoris Causa do Conselho Universitário da UFRGS. A cerimônia de outorga está prevista para as 10h, na Sala dos Conselhos (segundo andar da reitoria).

Ex-presidente do Timor-Leste, ele foi o segundo chefe de Estado de seu país, após longa luta pela independência. Ramos-Horta buscou reconciliar

a sociedade de seu país a partir de ações socioculturais e políticas como, por exemplo, a criação da Comissão Nacional de Acolhimento, Verdade e Reconciliação (que operou de 1999 a 2005), e por meio de políticas públicas que tentaram redimensionar a identidade cultural de sua terra natal como única e homogênea.

O timorense concede entrevista especial ao JU, a ser publicada na edição de novembro.



## Em Sintonia Com

### Tudo ao mesmo tempo

Músico, desenhista, escritor, ilustrador, compositor, arquiteto, acima de tudo, artista. Cláudio Levitan formou-se em Arquitetura na UFRGS e nunca deixou a arte de lado. “Comecei a aprender tudo ao mesmo tempo”, diz ele, que veio de uma família de artistas. “Dentro do ventre da minha mãe eu a ouvia cantar e acho que a música nasceu ali”, brinca.

Cláudio escreveu suas primeiras histórias e as ilustrou aos 11 anos, ao mesmo tempo que estudava violino. Escolheu a Arquitetura, pois ela possibilitaria o desenvolvimento de todas as áreas de que gostava. “Há no ser humano essa abrangência. Depois, a tendência de especialização que a sociedade exige faz com que a gente tenha de abandonar sonhos. Não foi o meu caso, porque retomei todos eles – e continuo fazendo isso.”

Em 69, quando ingressou na UFRGS, começou a cursar ao mesmo tempo Filosofia e Arquitetura, concluindo apenas a última. Ele conta que, naquele período, a faculdade era um ambiente cultural provocador, no qual havia grande participação dos estudantes e do diretório acadêmico. No entanto, houve muitas perdas, pois, ao mesmo tempo que se buscava o avanço intelectual, havia a repressão.

Muitas das obras de Levitan são voltadas ao público infantil, e ele acredita que é a imaginação a grande força da infância. “Se nós atrapalharmos a boa vontade, a generosidade, os lados positivos que o ser humano tem quando ainda está descobrindo o mundo, nunca teremos uma humanidade com aquele espírito de justiça que a gente pretende.” Ele diz que muitas vezes a educação retira o lúdico da criança, colocando para ela as responsabilidades da vida adulta, que são frias e sem arte. “Partindo do princípio de que nós precisamos de crianças e seres humanos lúdicos, penso que precisamos também de pessoas artísticas”, conclui.

\* Bruna Konrath, *aluna do 9.º semestre de Jornalismo da Fabico*

## Assista aos programas

Cláudio Levitan é o entrevistado do programa “Em Sintonia Com”, que será veiculado no dia 11 de outubro, às 20h, com reprise às 23h, e em breve estará disponível no canal da UFRGS TV no YouTube.





# De quais “mais médicos” precisamos

Francisco Arsego de Oliveira\*

“Problemas complexos exigem soluções complexas e sistêmicas.” Essa frase, repetida pelo professor Eugênio Vilaça Mendes em diversas das suas palestras sobre o cuidado à saúde, tem ecoado com mais força nos meus ouvidos nas últimas semanas, por conta da Medida Provisória que instituiu o Programa “Mais Médicos”.

De concreto, temos que o Ministério da Saúde fez um diagnóstico que evidenciou, frente a uma série de parâmetros, que o número de médicos no país é, além de desigualmente distribuído, insuficiente, fazendo com que porções significativas da população, especialmente em área longínquas e de difícil acesso, nas periferias das grandes cidades, permaneçam desassistidas. Como a formação de médicos é um processo lento, por conta dos seis anos de duração do curso, há, ainda segundo o Ministério, a necessidade de medidas urgentes, entre elas a contratação de profissionais recém-formados e estrangeiros para trabalhar na “Atenção Básica”, ocupando os espaços nos quais os colegas brasileiros não têm interesse.

É basicamente nesse contexto que surgem as polêmicas em relação ao Programa, alimentadas por acusações de populismo de um lado e de corporativismo de outro, levando a discussão para uma polarização improdutiva entre os defensores e os opositores da proposta, com rechaço maciço tanto das chamadas entidades médicas como de boa parte das faculdades de medicina no país. Mas sempre é bom lembrar que a participação médica é apenas uma parte da complexa equação que define a crise na atenção à saúde no Brasil de hoje.

Da forma como e nas circunstâncias em que foi apresentado, na esteira das recentes manifestações populares pelo país e auxiliada por uma forte estratégia de marketing, é difícil negar que se trata de um programa oportunista e de grande apelo eleitoral, uma vez que o atual ministro da Saúde é sabidamente pré-candidato ao governo do estado de São Paulo. Esse forte viés político, com o qual a maioria dos médicos não está acostumada e, aliás, rechaça veementemente, talvez tenha sido um dos grandes focos de conflito.

Mesmo sob esse prisma político, houve equívocos importantes na condução do pro-

cesso, uma vez que não ocorreu uma discussão prévia com a profundidade que o problema exige. Fatos como esses fomentam ainda mais a desconfiança dos setores envolvidos, e há a nítida sensação de que nem todas as informações têm sido postas claramente à mesa, além de alguns pontos serem reiteradamente classificados como “inegociáveis”. A submissão dos médicos estrangeiros ao Revalida, um bem elaborado exame utilizado no processo de revalidação de diplomas médicos obtidos no exterior, entra nesse critério.

Mesmo deixando claro que a saúde da população depende de inúmeros outros fatores, é importante ressaltar também que a atenção à saúde nunca será completa sem a presença de médicos. Resta definir, então, de que médicos estamos falando.

Assim, a solução proposta mostra-se simples demais para um problema tão complexo, mas, sobretudo, ambígua. Se por um lado afirma que há maior necessidade de profissionais na área da Atenção Primária à Saúde (APS), por outro a desqualifica, pois dá a entender que qualquer profissional estaria apto, sem formação específica, a trabalhar nessa área. Pela Medida Provisória

enviada ao Congresso, qualquer médico que tivesse concluído os seis anos da graduação estaria capacitado para tanto, o que é amplamente desmentido por toda a literatura internacional.

Como analogia, podemos fazer uma comparação com outras áreas da atenção à saúde em que também há falta de profissionais: intensivismo e anestesiologia, por exemplo. Jamais se cogitou elaborar um programa para colocar recém-formados para trabalhar em Unidades de Terapia Intensiva ou realizar anestésias, simplesmente porque é notório que faltariam conhecimentos e habilidades a esses profissionais e haveria uma exposição da população a grandes riscos.

É importante salientar que o trabalho em APS – que apresenta igualmente um alto grau de complexidade, mas de outra ordem – é uma área que exige formação específica, comprometimento e conhecimento aprofundado das comunidades para dar os resultados de que, como nação, necessitamos. No Brasil, esse médico é o especialista em Medicina de Família e Comunidade.

Em todo o mundo, há inúmeras evidências de que os sistemas de saúde organizados a partir da Atenção Primária à Saúde são mais custo-efetivos e oferecem maior satisfação, tanto para a população atendida quanto para os trabalhadores envolvidos.

No caso brasileiro, entretanto, a desproporção entre os recursos alocados para a atenção primária em relação à chamada “alta complexidade”, como transplantes e UTIs, que absorvem cerca de 2/3 do orçamento do Ministério da Saúde, é um exemplo claro da ambiguidade comentada acima e do que deveria ser realmente prioritário. Obviamente, não defendemos a redução de financiamento de nenhuma área da saúde: numa visão sistêmica, todos os setores são importantes e necessários, desde que funcionem harmônica e integradamente.

Assim, parece que o único consenso existente no momento é de que a atenção à saúde no Brasil não está bem e precisa, aí sim, urgentemente ser reformulada. Com certeza esse é um momento muito oportuno para repensá-la. Tenho convicção de que o Sistema Único de Saúde (SUS) ainda representa um grande avanço para o país e deve ser considerado um patrimônio de todos os brasileiros. Os seus princípios e diretrizes ainda são revolucionários, mas o SUS deve ser repensado no contexto atual, especialmente no que se refere à efetiva integração entre os seus diversos níveis de atenção e ao seu financiamento adequado.

Um bom sistema de saúde é caro em qualquer parte do mundo e cabe à sociedade que o mantém a decisão de financiá-lo e geri-lo de forma zelosa e equilibrada. Nesse contexto, não há como fugir da discussão no nível político e ideológico, no qual o consenso é sempre difícil de ser atingido. Na mesma lógica, as universidades, com a sua capacidade técnica e sua responsabilidade no ensino, têm o direito e o dever de participar ativamente nesse debate, rompendo barreiras de preconceito e desconfianças erguidas ao longo do tempo na sua relação com os gestores da saúde.

Para concluir, nunca é demais ressaltar que a existência de um sistema de saúde com o grau de excelência que todos os brasileiros merecem só será possível quando tivermos uma política de Estado construída democraticamente e que aponte nessa direção, composta por uma rede de saúde resolutive, integrada, com recursos financeiros suficientes e trabalhadores qualificados e valorizados. Atingir esse objetivo requererá de todos nós, com certeza, soluções complexas e sistêmicas.

\*Faculdade de Medicina/  
Departamento de Medicina Social

O posto Santa Maria, no bairro Rubem Berta, na capital, recebeu uma profissional pelo Programa Mais Médicos



THIAGO CRUZ/JU





# Extração de areia pode acabar

## Questão ambiental

*A alternativa ao insumo básico da construção civil, no entanto, exige mais estudos*

Samantha Klein

Desde que o homem passou a construir, a areia se tornou um dos principais insumos utilizados nessa tarefa. Ela é uma das substâncias básicas para o preparo do concreto justamente por conferir-lhe uma liga que garante a dureza do material e a resistência às intempéries. Por outro lado, sua exploração indiscriminada expôs um problema praticamente incontornável. A recente crise da retirada de areia do rio Jacuí é apenas mais um exemplo.

Pesquisas apontam a possibilidade de substituição da areia natural pela artificial por meio da técnica de rochagem, que consiste em moer rochas. O pó de pedra pode ser utilizado na fabricação de concreto e de outros insumos e já se tornou uma realidade em algumas empresas comerciais. Todavia, para tornar a atividade economicamente viável, é imperativa a ampliação de estudos sobre o basalto, já que o Sul do país tem a segunda maior província basáltica do mundo.

### Alternativa requer investimento

O Brasil possui reservas de basalto e granito que poderiam ser exploradas pelos próximos 10 mil anos, de acordo com o geólogo da UFRGS Léo Hartmann. Esse é o ponto de partida para a defesa da ampliação das pesquisas em rochagem. A técnica de transformar rochas em pó é hoje aproveitada na produção de fertilizantes naturais para a agricultura com a função de repor minerais no solo, mas também é empregada para a fabricação de areia. O professor diz que o material natural pode ser substituído sem prejuízo, porém, as pesquisas no setor ainda precisam ser aprofundadas. O basalto, principal formação rochosa do Rio Grande do Sul, teve diferentes derrames de lava vulcânica durante a constituição da plataforma continental, o que faz a rocha ser pouco uniforme devido às diferentes propriedades minerais.



Dragas em atividade nos rios de todo o estado estão sujeitas à fiscalização da Fepam

O maior problema decorrente dessa falta de uniformidade é o tamanho do grão do mineral a partir da britagem. “Alguns derrames de basalto podem apresentar fragmentos achatados e angulosos; que ao serem moídos resultam em uma areia pouco regular, o que dificulta a fabricação do concreto. Por isso, as características da rocha, nas diferentes fontes do estado, precisam ser mais bem estudadas. Além disso, é fundamental que a sociedade e as empreiteiras se disponham a pagar mais pela areia usada nas construções. Como aqui existem derrames de até 150 quilômetros, é compensador estudar as suas características e as explorar por muitos anos, o que tornaria a atividade economicamente viável”, destaca o geólogo.

Mesmo sem fixar uma data em que seria possível interromper a exploração de areia em rios e planícies – onde se formam lagos que resultam em locais propícios para a reprodução de mosquitos e doenças –, conforme Hartmann, em uma década poderia ser adotado um novo modelo. Apesar do enorme desafio para o setor comercial e também para as universidades, os benefícios ambientais podem ser compensadores. O professor ressalta que abrir mais pedreiras para extrair basalto

traria como problemas a poluição visual e o ruído das explosões. Já a interrupção da extração de areia do rio Jacuí poderia acelerar o processo de recomposição de uma centena de praias que foram destruídas por conta da retirada ilegal e minimizar o solapamento das margens.

As denúncias sobre a degradação do rio começaram em 2004, a partir de uma ação movida pela ONG Associação para a Pesquisa de Técnicas Ambientais (APTA). Naquela época, a dragagem descontrolada destruía as margens e a mata ciliar de um dos maiores rios gaúchos.

Com a proibição da extração definida pela Justiça Federal em um trecho do Jacuí, a Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler (Fepam) teve de criar novos mecanismos de fiscalização, que incluem um sistema de cercamento eletrônico. É como se cercas virtuais via satélite fossem colocadas em faixas de mineração. O sistema demanda que as bombas das embarcações em atividade irregular sejam automaticamente desligadas quando os barcos se aproximarem das margens. “Pretendemos coibir qualquer atividade ilegal de extração de areia. Aos poucos, todas as dragas do estado estarão operando com esse sistema. Além disso, a central

de monitoramento vai receber um reforço de técnicos para continuar a fiscalização”, garante o chefe da Divisão de Mineração do órgão ambiental, Renato Zucchetti. O modelo de fiscalização, contudo, ainda está em fase de implantação nas mais de cem dragas autorizadas a extrair o mineral no Jacuí.

**Contraponto** – A areia natural é amplamente utilizada na construção civil. O mineral é constituído predominantemente de quartzo, que é estável e não reage com a água da chuva nem com os componentes do cimento Portland, o mais utilizado nas edificações. O quartzo se une aos componentes ligantes, formando concreto de qualidade. Para abandonar a exploração desse material natural, é preciso investir em conhecimento, não somente sobre o basalto, mas também sobre o granito e o calcário, as formações rochosas predominantes nas demais regiões do Brasil. Os fabricantes também precisam comprar equipamentos especiais para moer as pedras até a espessura da areia.

Por outro lado, alguns estudiosos não condenam a extração de areia natural. É o caso do professor Carlos André Bulhões Mendes, especializado em planejamento de

recursos hídricos e ambientais. Para o pesquisador da UFRGS, a mineração pode ser realizada de forma sustentável, desde que os critérios de fiscalização sejam respeitados. “Deve-se diferenciar a atividade conforme o cuidado que se tem com o ecossistema. As margens são as áreas mais frágeis, mas as mais fáceis de retirar o mineral. Portanto, a vigilância deve ser intensa e contínua para não permitir que as dragas façam a extração de areia nesses locais, assim como precisam ser definidos os parâmetros de onde extrair e por quanto tempo. O rio pode ser explorado, mas também necessita de um período para se recuperar”, argumenta.

Existe, porém, estudo de zoneamento ambiental para determinar em quais áreas não existiria risco ou os danos seriam menores para o complexo hidrográfico. Há cerca de quatro anos, o Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da UFRGS foi procurado pela Fepam para avaliar a realização do levantamento, mas o projeto não seguiu adiante. Após a crise da extração, o governo estadual garante que está em andamento a contratação de uma consultoria que será encarregada de zonear o Jacuí.

De acordo com Bulhões, o zoneamento ambiental é determinante para mostrar onde se pode minerar em um rio. O estudo completo levaria cerca de dois anos e envolve a construção de modelos físicos que simulem as condições do fluxo do rio. “Ele pode ter turbilhões e redemoinhos que intervêm nos processos de erosão e deposição e modificam o fluxo natural das águas. Esses efeitos, que interferem na navegabilidade e na extração de areia, podem ser simulados matematicamente em uma espécie de maquete na qual se controla o aporte de água e sedimentos”, observa.

## Viabilidade econômica

No Brasil, o mercado da areia gerada a partir da rochagem é restrito e concentrado na região metropolitana de São Paulo. Por isso, a areia de britagem ainda é bastante cara. O preço médio da tonelada fica em R\$ 28, sem incluir o custo do frete, mais que o dobro daquela proveniente da mineração. Mesmo assim, a areia industrial lentamente ganha espaço. Durante a crise de extração no Jacuí, as vendas tiveram um salto nas empresas que atuam com o material no Rio Grande do Sul. No entanto, a comercialização é

maior para as fábricas de lajes pré-moldadas, e poucas são as pedreiras que produzem o insumo a partir da rochagem da brita de basalto, granito ou calcário.

Uma das empresas que resolveu aderir à produção de areia artificial é a Pedreira Vila Rica, que atua nas proximidades do Polo Petroquímico, em Tabaí. Segundo a sócia proprietária, Lourdes Rigon, a produção começou porque a empresa percebeu uma oportunidade: “Vimos que haveria no futuro o problema ambiental com a retirada

de areia. Mas existe dificuldade de se extrair o material microfino, que é uma espécie de talco, que prejudica a fabricação de concreto e cimento. Fazemos um peneiramento com telas especiais, porém isso acarreta maior custo e mais tempo dos operários”, sublinha. Mesmo que a substituição direta na construção civil seja lenta, a empresa tem clientes fixos no mercado de artefatos pré-moldados. Lourdes acredita estar fazendo a sua parte social e ambiental, sem deixar de manter um negócio rentável.





# Projetos inovadores

## Engenharia

*Alunos expõem protótipos de um robô pneumático e de um veículo elétrico na Mercopar, em Caxias do Sul*

Alinhando aprendizados teóricos e práticos e aproveitando o espaço de experimentação do Laboratório de Mecatrônica e Controle (LAMECC), estudantes de Engenharia da UFRGS criaram dois protótipos inovadores: um robô pneumático e um veículo elétrico. Os objetos serão expostos na Mercopar – Feira de Subcontratação e Inovação Industrial, em Caxias do Sul, de 1.º a 4 deste mês. A Feira conta com cerca de 500 expositores e é considerada uma grande oportunidade de divulgação de projetos da área na América Latina. O professor Eduardo Perondi, que coordena o LAMECC e a equipe que produziu o robô, explica a importância da participação na Mercopar: “Trata-se de um evento com grande adesão nacional e internacional, o que dá visibilidade aos trabalhos realizados na UFRGS e possibilita parcerias com empresas”.

**Experimentação** – O LAMECC é multidisciplinar e conta, atualmente, com a participação de alunos de cursos como Engenharia Mecânica, Elétrica, de Produção e de Controle e Automação.

Éder Dorneles, além de servidor técnico do laboratório, cursa o 3.º semestre de Engenharia Mecânica e integra tanto o projeto do robô como o do veículo elétrico. O estudante se empolga ao apresentar as diferentes áreas do setor, cada qual com a sua função. “Temos desde um ambiente de reuniões, destinado à discussão de ideias e sua viabilidade, até um ambiente



Éder Dorneles, ao lado do veículo elétrico desenvolvido pela equipe Bagual Racing

para experimentá-las.” Para ele, o espaço é fundamental para testar conhecimentos aprendidos em sala de aula. Alexandre Stedile, aluno do 6.º semestre de Engenharia de Controle e Automação, concorda com Éder: “Desde o início da faculdade nos deparamos com a possibilidade de verificar na prática conceitos apresentados pelos professores”, lembrando da disciplina de Sistemas Hidráulicos e Pneumáticos, essencial para a produção do robô.

O professor Perondi ressalta que, além dos trabalhos atuais, o LAMECC já foi responsável por outros grandes projetos realizados em equipe, como a produção de um modelo matemático para o aeromóvel. O grupo também desenvolveu um trabalho em parceria com a empresa Brasilata, relacionado à otimização de estruturas metálicas, que teve repercussão internacional. O objetivo era beneficiar a produção de latas, suas embalagens e o seu impacto sobre o meio ambiente.

**Precisão e autonomia** – “Existem poucos protótipos deste tipo no mundo”, resume orgulhoso o professor sobre a importância do robô projetado na UFRGS. Caracterizado por ser cilíndrico e pneumático, o seu funcionamento se dá por ar comprimido, sendo considerado silencioso e preciso. A concepção do projeto ocorreu há cinco anos e a sua produção se deu totalmente no laboratório, tanto a parte de mecânica quanto a parte de controle. Integraram o processo oito alunos de graduação, mestrado e doutorado. Em março, eles apresentaram o robô no MDA South America, em São Paulo, marcando a primeira participação do LAMECC em um evento internacional. “Foi fundamental colher opiniões de expositores de outros países”, recorda Éder.

Além de sua inovação científica, uma das vantagens em produzir robôs desse tipo está no fato de que são mais baratos do que os elétricos importados. O objeto ainda é ideal

para o manuseio, não machucando aqueles que o manipulam. O robô conta com cinco graus de liberdade, mas já está em discussão um plano de, no futuro, se aplicar um sexto grau, o que significa aumentar o seu número de movimentos. “É um desafio científico”, ressalta Perondi, que não descarta a ideia de comercialização do equipamento em longo prazo.

**Protótipo econômico** – Enquanto isso, em um projeto paralelo do LAMECC, outro protótipo teve êxito em sua construção: o veículo elétrico. O objeto inova na questão do motor, que é o mesmo de uma parafusadeira, afora ter tamanho reduzido e baixo custo. Desenvolvido por nove alunos, que compõem uma equipe de nome incomum – a Bagual Racing –, o projeto é coordenado pelo professor Rafael Laranja. A proposta do grupo é desenvolver a eficiência energética, utilizando o mínimo de combustível. A primeira

experiência em competições da equipe ocorreu em agosto, durante a 10.ª Maratona Universitária de Eficiência Energética, no Autódromo de Interlagos, em São Paulo. Foram três dias de competições e dois de teste. “Tivemos um problema técnico que comprometeu um pouco o nosso resultado final, mas passamos na vitória com 100% de aprovação”, relata Éder, satisfeito. O grupo expôs o veículo na edição deste ano do UFRGS Portas Abertas, atraindo a atenção de curiosos, que se interessaram por sua estrutura aerodinâmica.

Até 2015, os integrantes da Bagual Racing pretendem produzir mais dois veículos com o intuito de participar de outras duas categorias do evento: veículos a gasolina e a etanol. “Depois disso, partiremos para competições internacionais”, finaliza Alexandre.

Rafaela Pechansky, estudante do 7.º semestre de jornalismo da Fabico

## Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor  
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

### ► Para pedir em namoro, tem de ter competência (lingüística)

Tradição oral: do repente à contação de ‘causos’, das histórias de família às aulas de literatura, o tempo nos faz colecionar memórias, impressões da existência. Certo que essas recordações são frações de acontecimentos que vamos restituindo com o auxílio da imaginação. Isso tem a ver com a discussão, pertinente, aliás, sobre a relatividade da verdade e da História. O jornalismo não está isento dessa questão, pois até o desprezioso relato está submetido à visão de mundo do seu autor, afora ainda a tarefa do editor sobre o que cabe (no espaço físico e/ou ideológico) ser publicado. Por decorrência, podem ser

excluídos elementos que seriam importantes ou convenientes de serem ditos, de acordo com a intenção do redator. Não, não há isenção nem no modo como pedimos uma xícara de arroz à vizinha. É o que se depreende dos elementos verbais – ou não verbais – que compõem o significado maior dos movimentos de relação. O problema é que, em nossa formação, temos pouco desenvolvida essa capacidade de falar. Não (apenas) aquela oratória do argumento torneado desnecessariamente ético, mas o aperfeiçoamento da nossa capacidade de organizar o pensamento – que, na velocidade da fala, requer habilidades diferentes das da produção do texto escrito. Esse é um tópico, a oralidade e a vida de relação, que pouco se trabalha

na escola – geralmente reprimidas pela supervalorização do comportamento calado e do controle do professor, de quem se demanda o “domínio de classe”. Aula quieta, assim, é lida como aula em que o professor mostra a sua maior – e temerosa – competência. Bem, já estou entrando em uma via vicinal – mas, só por curiosidade, já compartilhei aulas com professores que agregaram o “schit!” ao final de suas frases, dada a frequência com que usam essa forma de mandar o outro calar. Tenho a impressão de que há muito mais carência de educação e (muito) menos de adestramento. Por fim e portanto, são dependentes da nossa performance oral o grau de relevância dado ao problema que expomos em uma reunião de condomínio, as justificativas de mérito

em uma seleção de trabalho, um pedido de namoro, os destinos em uma viagem de grupo, a reclamação de um direito. Insisto, não me refiro à retórica de mercado, pela qual o valor está no sucesso pessoal e é balizado por critérios éticos muito elásticos, mas, sim, ao desenvolvimento (continuado) da competência de participar ou se fazer existir pela fala. Veio-me à cabeça um contraponto esdrúxulo: as plenárias vazias da cena política em que um deputado ou congêner discursa para plateia nenhuma. Trama dos jogos de poder – do qual se discute a legitimidade. A fala pressupõe interlocução para uma ação social efetiva.

A nossa complexidade interior nos demanda intrincadas formas de expressão, para além das nossas capacidades inatas.



# Conhecimento à mão

**E-books** Mercado editorial oferece formas de acesso mais flexíveis para bibliotecas e usuários individuais

Everton Cardoso

Desde a expansão da internet, em meados da década de 1990, o rumo de boa parte dos bens culturais se alterou profundamente: livros, CDs, DVDs, fitas e outras mídias físicas deram lugar a arquivos digitais. A circulação da música, da literatura e da produção televisiva e cinematográfica, então, deixou de ser associada à posse exclusiva de um objeto, afinal PDFs, AVIs, MP3s e outros tipos de arquivos podem ser compartilhados pelos usuários à exaustão – e se são bloqueados pelos distribuidores e produtores, logo alguém descobre uma forma de burlar essa restrição. Nesse cenário, a indústria desses produtos tem-se visto encurralada e à busca de novos modelos de negócio. Para as bibliotecas, normalmente depositárias de volumes físicos, essa nova configuração cria, simultaneamente, possibilidades e problemas.

**Novos formatos** – “Ainda há certa insegurança por parte do mercado editorial em relação aos e-books”, declara a diretora da Biblioteca Central da UFRGS Viviane Castanho. Esse receio dos responsáveis pela publicação de materiais editoriais se deve principalmente à intenção de preservar o direito autoral e o pagamento de royalties. As editoras, para tentarem resolver a questão do compartilhamento e garantirem sua sobrevivência, desenvolveram modelos que se chamam DRM – *digital rights management* [gerenciamento de direitos autorais]. Nesse modelo, um livro em formato digital colocado à venda só pode ser baixado em um número restrito de mídias por um mesmo usuário. Essa foi a solução encontrada, por exemplo, pelo Grupo A – formado pelas editoras Artmed, Artes Médicas, Bookman, Penso e McGraw-Hill.

O modelo adotado pela empresa para vendas direcionadas a pessoas físicas tem seu funcionamento baseado em um aplicativo que deve ser instalado pelo usuário em seu computador, o que permite baixar o e-book em dois dispositivos móveis – como celulares e tablets – e dois fixos – notebooks e PCs. É possível, então, manusear o arquivo, selecionar trechos para colar em outro documento e imprimir partes, mas não integralmente. Em relação às instituições de ensino, no entanto, o formato é diferente: o Grupo A participa de um consórcio com outras três editoras acadêmicas nacionais; as universidades, então, pagam por uma assinatura anual e, assim, os estudantes têm acesso a

todo o material disponível por meio de um portal enquanto durar a assinatura. Na avaliação do gerente de novos negócios do Grupo A, Rodrigo Madeira, políticas como essa têm, inclusive, melhorado o desempenho de quem publica livros no país. “O temor de que os e-books tirassem lugar dos impressos ainda paira sobre o mercado editorial, mas temos visto que não tem sido o apocalipse que se pregava. Tem sido complementar”, analisa. Isso se deve, conforme ele, ao fato de o MEC ter permitido, inclusive, que as universidades incluam livros eletrônicos como bibliografia complementar às disciplinas. “Às vezes, o fato de ter o livro na biblioteca virtual facilita a venda do livro impresso, pois há usuários que preferem a experiência que o papel oferece”, comenta sobre uma realidade que tem levado o grupo editorial em que trabalha a um crescimento anual “na casa dos dois dígitos”.

## O usuário está muito menos apegado ao papel

Na avaliação da bibliotecária Viviane Castanho, entretanto, o mercado de editoras nacionais pouco tem oferecido soluções que sirvam às demandas de universidades como a UFRGS. “Eu não posso comprar muitos exemplares de um único título para atender à comunidade acadêmica. O valor seria muito alto e não teríamos como gerenciar isso”, justifica sobre o modelo mais comum no mercado brasileiro. De acordo com a diretora da Biblioteca Central, recentemente, algumas editoras – principalmente internacionais – começaram a oferecer a possibilidade de a universidade adquirir pacotes de obras que, por um lado, permitem o acesso de toda a comunidade universitária mesmo fora do câmpus e, por outro, concedem acesso perpétuo às obras. A partir dessa que Viviane considera uma forma adequada às necessidades da instituição, estudantes, professores e servidores podem acessar o acervo de e-books das bibliotecas da UFRGS mesmo desde seus computadores pessoais, basta fazer a autenticação do IP por meio da configuração de proxy no navegador utilizado. As instruções para acesso estão



A UFRGS adquiriu um pacote de obras em e-book que permite o acesso de toda a comunidade

disponíveis em [www.biblioteca.ufrgs.br](http://www.biblioteca.ufrgs.br). “É o mesmo mecanismo usado para acessar bases de dados e periódicos científicos, como a da Capes”, complementa.

**Modelo ideal** – Viviane cita o caso da editora Springer. De origem alemã e especializada em publicações científicas, foi a primeira a atender às necessidades da UFRGS: a empresa oferece pacotes anuais de obras publicadas naquele período. Para se ter uma ideia do volume dessas compras, Viviane revela os dados referentes ao ano de 2013: são 3.014 títulos de 13 áreas do conhecimento tão diversas quanto economia, computação, ciências sociais e medicina. O investimento foi de 126 mil dólares – algo em torno de 285 mil reais. “Esse tem sido o modelo ideal de negócio, pois o material permanece por tempo indeterminado acessível no servidor deles para um número

ilimitado de usuários simultâneos de qualquer computador ligado à rede da instituição”, explica sobre a forma de uso que permite à comunidade universitária imprimir e salvar os arquivos de forma ilimitada. Para avaliar o impacto disso em termos de uso, basta ver os números anuais de acesso aos e-books do acervo da editora: em 2011 foram 18.974; em 2012, 22.509; e no primeiro semestre de 2013, 19.491. Se comparados o primeiro semestre do ano passado e deste, houve um incremento de 63% em termos de acesso às obras editadas pela Springer.

Gabriel del Puerto, representante de um grupo de editoras internacionais para o sul do Brasil – entre elas, a Springer –, destaca a importância dos impressos para o faturamento das empresas como um dos principais fatores para ainda haver resistência na adoção de modelos mais flexíveis de nego-

ciação de e-books, principalmente sem o uso de DRM. “O usuário está muito menos apegado ao papel em relação a 2009”, avalia a partir de sua experiência de quatro anos na área. “Se pensássemos desde o ano 2000, isso seria ainda mais significativo”, ajuíza. Segundo Gabriel, o surgimento de novos aparatos eletrônicos que permitem leitura mais confortável para os usuários tem sido um dos fatores de maior impacto. Alguns dos dispositivos do gênero, em suas versões mais recentes, permitem leitura em ambientes de alta luminosidade e mesmo no escuro. “Muitos professores e estudantes ainda preferem imprimir, em vez de ler digitalmente. Eles também são beneficiados pelo modelo que oferecemos. O livro, então, pertence a eles, impresso, nem precisam devolver à biblioteca. Isso dá muita flexibilidade”, acresce.





# Um outro ensino médio

**Questões pedagógicas** *Dúvidas, debates e descontentamentos têm marcado a implantação do projeto do governo estadual gaúcho para uma educação secundária politécnica*

Everton Cardoso

Na educação brasileira, de maneira geral, existe um paradigma de ensino e aprendizagem baseado no acúmulo de conteúdos que, apesar das tentativas e da boa vontade dos educadores, ainda sobrevive. Quando se trata de ensino médio, isso é agravado pelo crescente desinteresse dos estudantes pelo que acontece no ambiente escolar: a sala de aula é encarada como um mero processo de transição em direção ao mercado de trabalho ou à universidade. É como se o tempo ali dispendido só valesse pelo fim a que leva e não

pelo caminho por que se trilha. Nesse sentido, é unanimidade que esse nível da educação precisa passar por um processo urgente de reestruturação – movimento esse iniciado pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul com a proposta de um ensino politécnico.

**Mudança necessária** – Segundo o sociólogo e professor da UFRGS Alexandre Virgino, que se dedica a estudos relacionados à educação, o ensino médio é, atualmente, o ponto mais crítico da educação básica no país. “Se pegarmos indicadores de reprovação e evasão nos anos 2000, vamos chegar a índices

que oscilam em torno de 25%, se somados”, pontua. Ele acrescenta que há pesquisas mostrando que a reprovação e o abandono da escola se devem a fatores sociais, culturais e ambientais, mas que também a própria escola é uma razão significativa. “40% não voltam à escola porque não se dispõem a vivenciar o que eles entendem por uma experiência existencial frustrante. Não voltam em função da escola em si”, aponta. Conforme o pesquisador, que acumulou experiência como secretário de educação do município de Alvorada durante oito anos, há um consenso nacional sobre a necessidade de refor-

mulação da educação secundária. “É preciso aproximar o ensino médio das experiências de vida dos jovens, das suas perspectivas profissionais, e estabelecer uma relação mais próxima e prazerosa com o conhecimento”, justifica.

Nessa mesma linha é que o assessor de gabinete da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (Seduc) Jonas Reis justifica a nova política adotada pelo órgão. “Essa proposta”, enfatiza, “caminha junto com o desenvolvimento do estado, no sentido de pensar a formação humana para o mundo do trabalho.” Na opinião de Jonas, que fez parte da equipe respon-

sável pela elaboração do projeto, é por meio do trabalho que nos constituímos como humanos, que produzimos nossa existência. Aí estaria o foco dessa nova concepção de ensino médio: “A intenção é que o estudante possa avançar para a universidade, para um curso técnico ou ingressar no mercado de trabalho”. Resultado de um processo de discussões e debates propostos pela Seduc com a comunidade escolar – professores, funcionários, estudantes e pais –, o ensino politécnico tem como principal eixo a interdisciplinaridade, articulada por meio de projetos. Nessa perspectiva, docentes e alunos elegem temas e propõem investigações sobre eles, a partir dos conteúdos trabalhados nas diferentes disciplinas. “Vemos o aluno como alguém que seja capaz de construir o seu próprio conhecimento a partir dos saberes historicamente acumulados pela humanidade”, aclara.

## Da proposta à prática

“Estamos tendo [o ensino médio politécnico] desde 2012. Somos cobaias. Em algumas partes está muito bom, em outras está complicado.” Assim a estudante Emanuelle Paines, do segundo ano do ensino médio, resume seu sentimento em relação à proposta que tem sido implementada desde o ano passado na escola na qual estuda, a Alberto Torres, no bairro Vila Nova, na capital. O projeto a que ela se dedicou neste ano era sobre violência na escola. “Consegui dialogar com os professores sobre o assunto, mas não entraram todas as matérias. Só usei português, matemática e biologia, sendo que a proposta era integrar tudo”, reclama. Para a estudante de 16 anos, que faz estágio na assessoria jurídica da prefeitura de Porto Alegre, isso se deve principalmente ao fato de o ensino politécnico ser algo novo tanto para eles quanto para os professores. “No início gostamos, parecia ser uma forma legal de aprender. Só que quando começamos a construir, não foi assim”, analisa.

Na avaliação da supervisora pedagógica da escola, Liane Fleishmann, uma das questões centrais do projeto é a formação docente. “O professor é formado para dar apenas suas disciplinas. Mas a proposta prevê que ele ajude

o estudante a se tornar um cidadão e a aplicar seus conhecimentos. Acho bom, mas estamos ainda engatinhando”, pondera. “Não tivemos um grande preparo para aplicar. Foi hoje para aplicar amanhã”, relata. Na avaliação da diretora da escola, Clereci Farina, essa era uma mudança necessária, pois da forma como o ensino estava não era mais possível. “O jovem também quer essa mudança”, afirma. E completa: “Eles precisam ampliar a mente, sair daqui mais autônomos”.

Liane, no entanto, destaca um problema relativo à forma de organização do trabalho dos professores como uma das principais dificuldades para uma proposta da envergadura do ensino médio politécnico. Embora os docentes já tenham 30% de sua carga horária fora de sala de aula para a preparação de atividades, ela aponta o fato de alguns atuarem em mais de uma instituição como a razão por que não formam vínculos com os colegas de magistério, com a escola e tampouco com os estudantes. Outro ponto sempre presente quando se analisa a atuação do professor é o da valorização profissional, normalmente causa de pouca motivação e uma reivindicação antiga do magistério estadual – inclusive motivo de recentes protestos e greves.

Outro ponto de vista sobre a colocação em prática do projeto da educação politécnica pode ser vista no trabalho de conclusão de curso realizado pela estudante Fabiana Staub Cacuri, quando concluinte de Licenciatura em Matemática na UFRGS. Entre março e junho de 2012, a então estudante acompanhou o processo de implementação do projeto em uma escola estadual de ensino médio de Porto Alegre. Para que não houvesse constrangimentos no momento de sua observação e da coleta de depoimentos, os nomes da instituição e das pessoas foram omitidos. “A partir das falas dos professores, percebi que eles sentiram falta de maiores esclarecimentos a respeito das alterações contidas na proposta. Apenas uma supervisora e um professor demonstraram alguma experiência com a metodologia de projetos. Os outros não tinham uma visão clara do que poderia ou deveria ser feito”, relata. A estudante também percebeu certo receio em relação à mudança e, em alguns casos, pouca iniciativa para se discutirem alternativas. “A partir da minha pesquisa, não houve nenhuma razão para acreditar que os alunos estão saindo da escola mais preparados, seja para o vestibular, seja para o mercado de trabalho”, observa.

**Pragmatismo excessivo** – A professora do Instituto de Matemática da UFRGS e doutora em Educação Elisabete Búrigo esclarece que o nome ‘politécnico’ tem sua origem nas teorias elaboradas por Karl Marx a respeito da educação. Ela traduziria uma abordagem que pretenderia, simultaneamente, preparar para o trabalho e desenvolver a autonomia intelectual. Deveria capacitar o sujeito para intervir no mundo de forma consciente. “Se a pessoa entende os fundamentos de algo, pode inventar outros materiais, propor processos diferentes dos anteriores. O sujeito que entende menos vai ser um reproduzidor do já existente”, complementa, explicando um processo de aprendizado que se apropriaria do conhecimento das ciências para compreender melhor o mundo.

A docente alerta, entretanto, para alguns riscos de se pensar o ensino a partir da perspectiva de que o conhecimento vem pronto, de fora, e que, por isso, não interessa aos jovens. O que interessaria a eles, segundo essa visão, seria o que vivem, os problemas que enfrentam, enfim, o cotidiano. A pesquisadora, no entanto, critica: “A escola não é um lugar para falar sobre a experiência cotidiana”, critica a pesquisadora. “O dia a dia tem de ter lugar na escola, mas a educação não pode ficar só nesse nível. A escola é o lugar para se discutirem as crenças e as informações que estão em outros lugares”, define. E pondera: “Essa ideia de que para o conhecimento escolar ser relevante tenha de ser útil ou vir do interesse pessoal do sujeito é muito destrutiva. Já vivemos num ambiente pragmático demais, no qual as pessoas querem resultados imediatos”, pondera.

FLÁVIO DUTRA/JU



Alunos da Escola Estadual Alberto Torres, na capital, experimentam o ensino politécnico desde 2012



# É preciso falar sobre ética

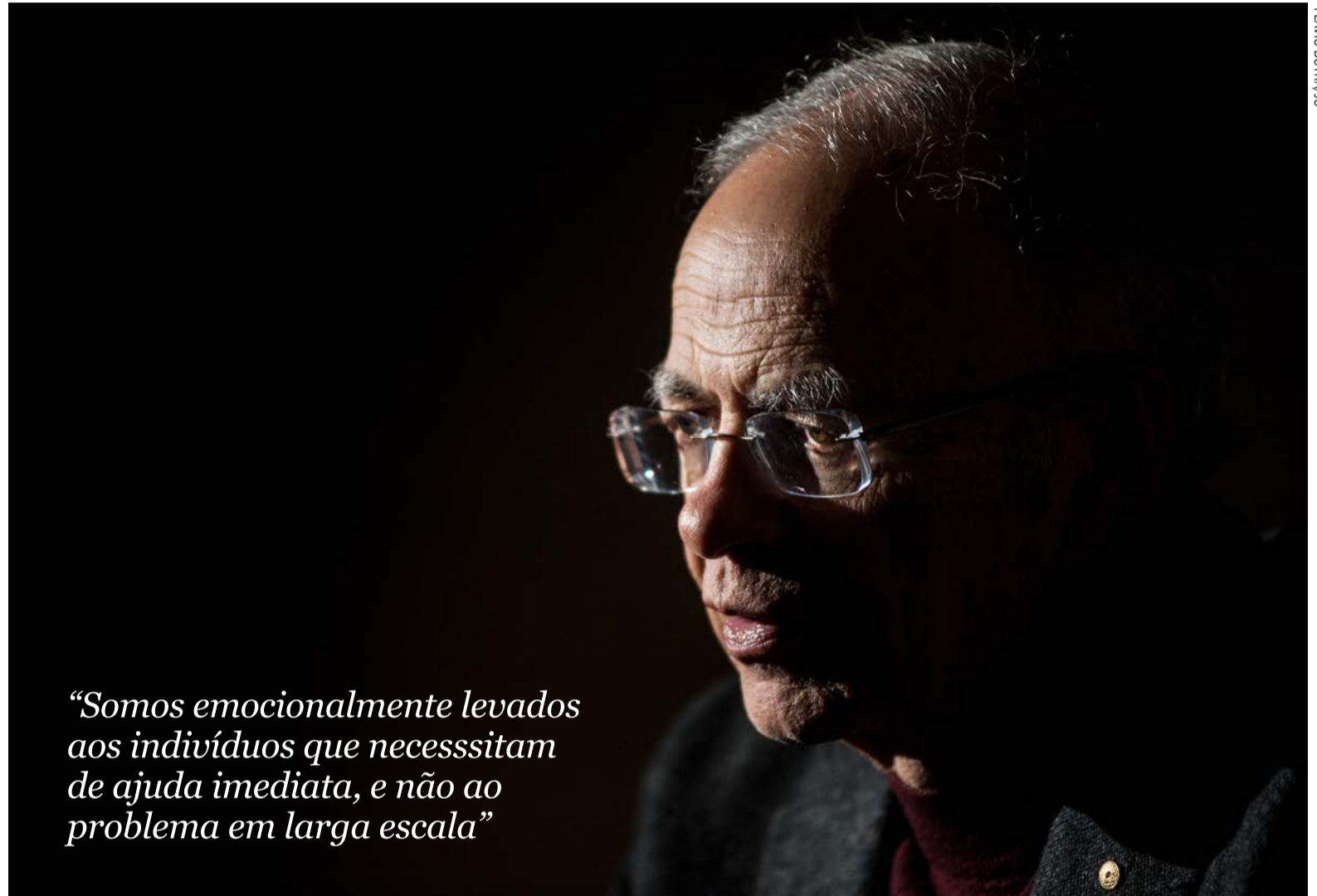
## Filosofia

*Peter Singer inquieta ao defender a lei do menor sofrimento possível e o fim da diferenciação entre humanos e animais*

Considerado um dos maiores (e mais polêmicos) filósofos da atualidade, Peter Singer esteve em Porto Alegre para participar do ciclo de conferências *Fronteiras do Pensamento*, ocasião em que expôs suas concepções acerca dos mais diversos assuntos relacionados à ética e à moralidade. O filósofo australiano defendeu seu posicionamento veemente sobre o tratamento ao qual submetemos os animais, ponto de maior destaque em seu discurso durante o evento. Uma das principais obras do autor, *Libertação Animal*, foi lançada em 1975 e já expunha o conceito de especismo (a supremacia da raça humana): Singer argumenta que não somos os únicos seres sencientes do planeta, isto é, com capacidade de sentir dor, e propõe uma verdadeira revolução no modo como lidamos com animais. Ele também é conhecido por suas declarações polêmicas sobre temas controversos, como o aborto e a eutanásia, além de levantar questionamentos a respeito de tendências inerentes ao ser humano. Fica evidente sua busca em descobrir os múltiplos aspectos que regem a sociedade na contemporaneidade, como a cultura. A partir do conceito de altruísmo eficaz, o filósofo provoca, ao defender a máxima de que cada indivíduo pode, sim, fazer diferença e impactar o sistema.

*Podemos estabelecer uma conexão entre diferentes tipos de preconceito? O senhor acredita que está na natureza do ser humano a necessidade de se sentir superior a algo?*

A única conexão que eu faria entre racismo, machismo ou nazismo, para citar alguns exemplos, é que em todos esses casos nós temos um grupo que é poderoso e se considera no direito de desrespeitar os interesses de outro grupo. Creio que temos essa mentalidade, que é desconsiderar o outro e tratá-lo como bem entendemos. Mas não quero comparar grupos em termos de sua maldade moral; são situações diferentes. Sobre a origem do preconceito, acho que é um conjunto de coisas. Sem dúvida, até certo ponto, é o que você mencionou: queremos nos sentir superiores a outros seres, sim. Mas também há evidências de que, mesmo quan-



*“Somos emocionalmente levados aos indivíduos que necessitam de ajuda imediata, e não ao problema em larga escala”*

do bebês, nos relacionamos com outros seres que vemos ao nosso redor. Talvez exista certo tipo de sentimento de grupo inerente, que nos faça simpatizar com o grupo ao qual pertencemos e estranhar os demais.

*O senhor fala sobre o conceito de “altruísmo eficaz”. Por que é tão difícil que as pessoas se sintam inclinadas a ajudar aqueles que estão fisicamente distantes, mas se sentem tocadas quando enxergam o sofrimento?*

Acho que essa é uma tendência sociológica proveniente do fato de que vivemos em grupos pequenos e em locais nos quais as únicas pessoas que podemos ajudar são aquelas à nossa frente. Há uma resposta quando o indivíduo a ser ajudado é identificado. Se soubermos algo a seu respeito, teremos uma tendência maior de ajudá-lo do que se ouvíssemos que milhares de crianças necessitam da nossa ajuda. Isso é comprovado estatisticamente. Então, acredito que é algo sobre a nossa natureza: somos emocionalmente levados aos indivíduos que necessitam de ajuda imediata, e não ao problema em larga escala. Mas, infelizmente, vivemos em um grande mundo, e as pessoas que realmente precisam vivem longe.

*O cantor Paul McCartney disse que, se os matadouros tivessem paredes de vidro, todos seriam vegetarianos. No Rio Grande do Sul, a cultura da carne é muito forte, bem como na Austrália, onde o senhor nasceu. Como podemos observar a influência cultural nos movimentos de massa?*

Creio que esse pensamento é um pouco otimista. Algumas

pessoas simplesmente se acostumariam e optariam por não olhar pelas paredes. Voltamos àquilo que estávamos discutindo antes: nós, humanos, somos muito bons em racionalizar nossos desejos. Se as pessoas vivem situações nas quais a carne está disponível de modo conveniente, tem um gosto bom, são ótimas em justificar para elas mesmas que não há problemas em consumi-la. Creio que, se todos tivessem de assistir a animais sendo mortos, seria algo positivo e mais pessoas se tornariam vegetarianas. Também há outro aspecto: os matadouros teriam condições melhores, pois seriam vigiados. Mas não creio que apenas um fator como esse mudaria as visões de toda a população. As pessoas se utilizam do relativismo cultural para justificar o consumo irresponsável. Elas dizem: “É a nossa cultura, é assim que fazemos”. Há muitos outros exemplos de situações em que essa justificativa foi usada e estava claramente errada. Era parte da cultura do sul dos Estados Unidos ter escravos, e os brancos não conseguiam imaginar suas vidas sem esse regime. Mas agora nós vemos a escravidão como algo errado. Em outras culturas, pessoas enxergam a mutilação genital feminina como algo que é parte de seus costumes, como uma prática a ser seguida, mas, do ponto de vista ocidental, é altamente condenável. Então, creio que, eventualmente, pensaremos a mesma coisa em relação ao uso de animais: a influência cultural não será suficiente para justificar os modos de tratamento.

*O senhor sugere não necessariamente a adesão ao vegetaria-*

*nismo, mas que as pessoas procurem reduzir o seu consumo de carne e comprá-la de locais que ofereçam tratamento adequado. Há uma “maneira correta” de matar animais?*

Eu acredito na possibilidade de reduzir o sofrimento causado em animais. De fato, se as pessoas não comessem carne, não teríamos que alimentar tanto animais com grãos e soja e, portanto, haveria mais comida para a população. Então, se reduzíssemos a quantidade de carne consumida, isso poderia ser uma contribuição para o mundo sob a perspectiva do problema da fome. Porém, se as pessoas não conseguirem se tornar vegetarianas, há uma alternativa: se você vai comer carne de qualquer forma, é melhor que seja de animais que não sofreram.

## Os seres humanos são muito bons em racionalizar seus desejos

Não é, contudo, uma solução disponível para todos, em parte porque produzir carne em pequena escala, dando ao animal um tratamento digno, seria algo difícil em termos de espaço e trabalho. É importante lembrar, também, que no que tange à produção de carne, isso não resolveria o problema da mudança climática. A questão do meio ambiente ainda é um grande problema.

*Quanto à redução do sofrimento, o senhor propõe que medidas como o aborto e a eutanásia sejam alternativas a serem discutidas. Que impacto a religião teve na nossa sociedade em relação a esses conceitos?*

Acredito que a influência da religião, principalmente daquela mais conservadora, como a tradicional católica romana, tem sido muito prejudicial em relação a essas questões. Obviamente, tem havido uma grande força contrária a abortos desde antigamente. Eu penso que não é uma prática errada, se realizada no início da gravidez. E, se mulheres quiserem realizar abortos, elas deveriam poder realizá-los. Tornar o aborto ilegal trouxe muitas consequências ruins, pois as mulheres são obrigadas a fazer aborto em clínicas clandestinas, resultando em problemas graves de saúde. Também acredito que deveríamos dar a elas o direito e o poder de escolher quantos filhos querem ter. A contracepção nem sempre funciona perfeitamente, então é necessário haver o aborto como alternativa em casos de falha. E, no caso da eutanásia, creio que, novamente, a igreja católica é particularmente enorme fonte de oposição a opções como a morte assistida. Isso causa um sofrimento desnecessário ao ser humano: as pessoas decidem morrer porque não querem passar seus últimos meses de vida sofrendo. Eu não vejo por que elas deveriam ser forçadas a lidar com isso.

Rafaela Pechansky, aluna do 7.º sem. de Jornalismo da Fabico / Colaborou: Igor Porto (Agendão UFRGS)





Manifestantes tomaram as ruas do Cairo por ocasião do 1.º de maio em protesto contra o desemprego e as más condições de vida

# Longe do fim

## Egito

### Confronto entre o exército e a Irmandade Muçulmana leva à radicalização da luta pelo poder

Desde dezembro de 2010, quando eclodiram os primeiros protestos na Tunísia, a volatilidade e as implicações geopolíticas das manifestações realizadas no norte da África e no Oriente Médio já depuseram três chefes de Estado e continuam chamando a atenção de órgãos e autoridades internacionais. De caráter social, os conflitos insurgentes na maioria dos países vêm sendo relacionados às más condições de vida resultantes do desemprego e ao alto nível de militarização que marcam os regimes corruptos e autoritários revelados pelo vazamento de documentos diplomáticos dos Estados Unidos divulgados pelo Wikileaks.

Tanto as causas como os desdobramentos da chamada Primavera Árabe, entretanto, exibem singularidades que impossibilitam generalizações entre as diferentes nações afetadas pela onda de levantes. “Cada país tem uma história particular; não existe um movimento uniforme que abranja todos eles. Houve uma série de protestos contra as ditaduras e em alguns locais esses governantes foram depostos, como

na Tunísia e no Egito. Na Líbia não foi exatamente uma revolução que derrubou Muammar Khadafi, mas sim uma intervenção estrangeira. Então, cada país teve uma dinâmica própria que produziu uma história e um desenvolvimento político específicos. Não podemos pensar em unicidade e homogeneidade; o elemento realmente compartilhado pelo conjunto foi a situação de revoltas contra os regimes autoritários que se espalham por todos os países árabes”, adverte Paulo Hilu, antropólogo e professor da Universidade Federal Fluminense.

**Banalidade do caos** – Nascidos a partir de nacionalismos, tais sistemas políticos foram se convertendo em governos repressores que impediam a formação de uma oposição credível, no passo que também testemunhavam a geração de movimentos islamitas. A Irmandade Muçulmana, que vem liderando as rebeliões contra o comando do exército no Egito após a queda de seu representante, Mohammed Mursi, se insere dentro desta ótica. O grupo luta para estabelecer as leis do islamismo, conhecidas como *sharia*, como base para os governos de população muçulmana, opondo-se às tendências secularistas. Com membros espalhados por cerca de 70 países, a organização teve ação relevante na maioria dos conflitos pró-islâmicos desde as guerras árabe-israelitas e agora vem protagonizando mais um episódio crucial nos rumos do país que a originou. “A Irmandade Muçulmana é uma figura presente na vida política e social do Egito desde os anos 20. É o grupo mais bem organizado e que

de certa maneira melhor sobreviveu ao período das ditaduras militares que se sucederam desde Nasser. Ele tem uma enorme rede de serviços, como clínicas e escolas, e isso torna absolutamente inviável pensar o cenário político egípcio sem a existência do grupo. O que os militares estão tentando fazer é desestruturar essas redes, correndo o risco de produzir mais radicalização entre os rebeldes”, opina Paulo.

Apelidado pelo historiador grego Heródoto de “a dádiva do Nilo”, o Egito teve de reaprender a conviver com o estado de emergência, o toque de recolher e um silêncio opressivo, típico da cidade que lembra sem saber o que vai ver nos próximos dias. Após culpar os partidários da Irmandade Muçulmana, em discurso em rede nacional, por tentarem “espalhar o caos no país”, o ministro do Interior, Mohamed Ibrahim, enfatizou o surpreendente número de 638 pessoas que perderam a vida em confrontos armados até então. “O Egito vive atualmente uma contrarrevolução. Se houve um golpe militar que retirou do poder o governo da Irmandade Muçulmana liderado por Mohammed Mursi, o que você vê hoje em dia são passos a caminho de restaurar a ditadura militar. A lei de segurança nacional foi reeditada, há prisões generalizadas de pessoas ligadas à Irmandade, denúncias de tortura e assassinatos. Ou seja, você tem uma situação que obviamente provoca uma instabilidade política e social muito grande”, define o antropólogo.

Ao mesmo tempo que a capital egípcia tenta voltar ao seu ritmo habitual, centenas de cidadãos têm de enfrentar vias bloqueadas,

ruas excepcionalmente vazias e o comércio fechado. Serviços de trem e ônibus, que ligam o Cairo ao resto do país, também foram temporariamente suspensos em meio a temores de que manifestantes islâmicos recebessem reforço na capital e causassem novos tumultos. “Os massacres, a repressão e os lamentos dos familiares estirados sobre seus mortos se transformaram em cenas rotineiras. Mais do que a visão dos corpos embalados em panos brancos e dos rostos pálidos das vítimas, o que ficou impregnado na memória foi o cheiro dos cadáveres. A troca de tiros entre polícia e manifestantes, o disparo de gás lacrimogêneo pelas forças de segurança e a ocupação de praças e pontes quase já não impressiona mais. Em cada esquina se encontra ao menos um repórter da imprensa internacional trabalhando sem intervalo”, relata Aysha Halima Farah.

Estudante de relações internacionais na Universidade do Cairo e natural de Alexandria, Aysha mora com seus pais na capital egípcia desde a infância. Assim como grande parte da população, ela se questiona sobre o que teria frustrado os planos revolucionários destinados ao país e por que a Primavera Árabe ainda não teria colhido resultados positivos de transformação política no Egito.

**Regime autoritário** – Analistas divergem sobre as diversas hipóteses levantadas, contudo a possibilidade de a Irmandade Muçulmana ter falhado terrivelmente no seu teste de governo é apontada de forma recorrente nas análises sobre a situação do país. “O grupo erra ao

perpetuar um regime autoritário; cai o ditador, mas não cai a ditadura. Dentro da estrutura do Estado você ainda tinha várias pessoas ligadas à velha ordem, o que favoreceu a conquista da simpatia popular e de vários grupos políticos pelo exército e pelas forças que queriam frear o processo revolucionário no Egito”, explica o professor. Ao contrário do que se previa, a situação econômica e social se manteve inalterada, já que o representante islamita deu continuidade às políticas do regime anterior que não trouxeram soluções para o país.

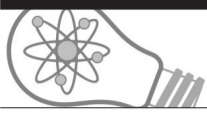
**Pluralismo de opiniões** – A partir de 2011, as redes sociais se tornaram ferramenta importante para disseminar os ideais da Primavera Árabe no Egito. No Twitter são compartilhados relatos e fotos do conflito diariamente, e a maioria das mensagens publicadas expressa enorme pluralismo de opiniões. “Aqui não se pode falar em uma única opinião pública; você tem diversos grupos que são mais ou menos simpáticos ao governo da Irmandade. Várias forças políticas ficaram muito descontentes com a conquista da maioria pelo grupo na Assembleia Constituinte e por isso elas vão apoiar o golpe, assim como as pessoas que, de alguma forma, se beneficiavam da ditadura de Hosni Mubarak – os partidos seculares e os liberais”, conta a estudante.

Para Paulo, uma das poucas entidades que goza quase consensualmente de uma boa avaliação entre os cidadãos é o exército. “Ironicamente, é uma das instituições que tem o maior índice de confiança na sociedade egípcia e que conseguiu manter uma imagem razoavelmente isenta, apesar da ditadura Mubarak. Isso porque em parte as forças armadas têm uma estrutura muito parecida com a da Irmandade Muçulmana e controla boa parte da economia no país. Quando se fala em exército, não se está fazendo referência somente à instituição, mas também a toda a rede dominada por ele. Por exemplo, uma parcela considerável da sociedade está envolvida em atividades que na verdade são controladas pelo exército, como a construção civil. Agora, se você tiver a restauração de uma ditadura militar, provavelmente essa imagem vai sofrer um desgaste”, afirma.

Ao que tudo indica, o impasse político ainda está longe de terminar e as propostas de diálogo visando a uma solução pacífica, reiteradas por alguns países ocidentais, não serão prontamente acatadas. Os próximos passos no desenvolvimento do conflito sinalizam para a tentativa de desestruturação da Irmandade Muçulmana pelo exército e a possível realização de eleições dentro de um quadro político favorável aos interesses dos militares. Entretanto, haveria ainda a possibilidade de radicalização e violência contra tal decisão, inviabilizando completamente o processo político ou o tornando uma farsa muito maior. O palpito de Aysha parece não contrariar as expectativas. “Infelizmente, estamos esperando novas revoltas, manifestações e o crescimento do número de mortos. De novo.”

Bárbara Gallo, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico





# Droga polêmica

**Maconha** *Efeitos sobre o organismo e a sociedade, diferentes visões a respeito da cannabis*

Everton Cardoso

Substância ilícita, droga recreativa, vício, remédio, cigarro natural, relaxante: esses são apenas alguns dos sentidos associados à maconha e que, no momento em que o Uruguai toma um posicionamento inovador a respeito do tema, acabam por pautar o debate sobre a cannabis. Recentemente aprovada pela Câmara de Deputados daquele país, a série de propostas prevê a possibilidade de os usuários cultivarem suas próprias plantas – em número máximo de seis –, a permissão para que empresas agrícolas e clubes plantem, a regulamentação da venda em farmácias – restrita a 40 gramas mensais por consumidor –, o registro dos consumidores – cuja identidade será protegida por lei – e a criação de um órgão governamental para desempenhar as funções burocráticas ligadas à cadeia produtiva e comercial. A nova legislação, proposta pelo partido Frente Ampla, precisa ainda passar pela aprovação do Senado, onde a agremiação política do presidente José Mujica também tem maioria e espera aprovação. No Brasil, apesar de não haver uma movimentação política maior nesse sentido, alguns posicionamentos já ganham visibilidade junto à opinião pública, seja pelas frequentes “marchas da maconha”, seja pelo posicionamento de personalidades a respeito do tema – o do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso talvez tenha sido o mais notório e debatido dos últimos tempos.

**Liberdade individual** – Na avaliação da professora e pesquisadora do Instituto de Psicologia da UFRGS Sandra Torossian, posicionamentos como o que ora está sendo adotado pela nação sul-americana redirecionam o foco da discussão da saúde para questões culturais e sociais. “Essas estratégias de liberação têm a ver com o cuidado com a população, no sentido de evitar que pessoas se tornem criminosas”, pondera. Para a docente, que já acumulou 20 anos de experiência clínica

com usuários de cannabis, medidas como a proposta do governo Mujica não devem ser discutidas tomando como referência o fato de serem apologia às drogas ou não.

“Tem a ver com saúde pública, com reconhecimento do uso que a população faz, com respeito ao cidadão e ao que ele quer usar”, analisa. Nesse sentido, o posicionamento de Sandra é de que o Estado tem é de cuidar dos cidadãos que optem pelo uso, seja por que razão for, da forma mais ampla que isso possa assumir em termos de saúde e educação. Seria, idealmente, um uso “informado”. Ela aponta que medidas restritivas não têm efeito duradouro, a não ser que venham aliadas a outras que proporcionem uma educação para a prevenção. “Se as pessoas tiverem consciência do perigo em que elas podem colocar o outro ou a si mesmas, cada um se regula.

Mas vivemos num contexto em que isso precisa ser trabalhado, pois só cuidamos quando somos reprimidos. “O que se tem feito, quando se fala de drogas com jovens, é apontar só os perigos, mas qualquer adolescente sabe que elas dão prazer. Como eles têm uma posição questionadora, é preciso ser honesto”, explica.

**Impacto na sociedade** – Na interpretação da socióloga e professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS Letícia Schabbach, propostas como a uruguaia dizem respeito muito mais ao traficante que ao usuário. Este último, segundo ela, tem de ser visto como alguém que precisa de auxílio em termos de saúde pública, o que seria atendido por políticas de descriminalização do uso, como a que atualmente vige no Brasil. “Não há nenhuma

pesquisa que aponte que o usuário de droga vai se tornar violento, que ele vai entrar numa escala de cada vez mais violência por causa da droga”, argumenta. Conforme a análise da pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania, a ocorrência de atos violentos está ligada às redes de tráfico de drogas e ao enfrentamento entre elas e as forças de segurança pública. Instala-se uma sociabilidade violenta em que pontos de tráfico e espaços de comercialização são objetos de ferrenhas disputas – isso tudo potencializado pela ilicitude. Medidas como a do Uruguai, então, tirariam o controle do traficante e o delegariam ao Estado no que se refere à produção, à comercialização e ao estoque.

“A violência relacionada às drogas vitimiza as pessoas de classe mais baixa”, complementa

a pesquisadora. Como, em geral, são jovens, estão mais suscetíveis à influência dos grupos que integram ao formarem suas identidades. “É uma tentação muito grande se existe um grupo criminoso. Ali podem conseguir em um dia o que eles ganhariam em um mês trabalhando, além da autoafirmação por meio da força”, analisa. Para jovens que são excluídos de outras instâncias de reconhecimento – casos da escola e do trabalho formal –, o tráfico representa uma forma de obter reconhecimento. Para Letícia, iniciativas como a uruguaia reduziram a violência, simplesmente por retirar o comércio da ilegalidade, reduzindo os preços e as disputas ao redor da venda e dos consumidores. “Talvez essa iniciativa seja a necessidade de tentar algo novo, pois nada tem dado certo”, assevera.



Jovens durante uma das mobilizações pela legalização do uso da maconha que vêm agitando a capital uruguaia desde o ano passado

## Efeitos e interesses

Na opinião da psiquiatra do Hospital de Clínicas Anne Sordi, que trabalha no Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas (CPAD), vinculado à instituição e à UFRGS, medidas de flexibilização e de regulação da produção, do comércio e do uso de maconha escondem interesses econômicos por parte dos Estados. “Essas políticas são coloridas por um discurso de liberdade de que cada um pode fazer o que quiser com o corpo, ou são associadas a aspectos culturais ou artísticos, mas na verdade o que há por trás disso é uma

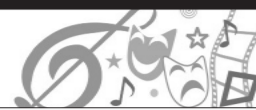
questão econômica. Isso daria muito dinheiro ao país”, afirma. A médica e pesquisadora cita como exemplo o caso do estado da Califórnia, nos EUA, que fatura de 1,5 a 4,5 bilhões de dólares por ano só em função do consumo de maconha. Ela aponta ainda que, naquele país, após a liberalização do uso e do comércio da maconha em algumas unidades federativas, o tráfico tem se desviado para outras coisas, como drogas sintéticas, comercializadas via internet e correio. “É difícil prever o que vai acontecer com uma

política como a do Uruguai”, sentencia.

De acordo com o professor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFRGS e diretor do CPAD, Flavio Pechansky, não há um parâmetro exato para o consumo seguro de maconha. “A segurança de uso depende de muitos parâmetros – estado físico e mental, idade de desenvolvimento cerebral, por exemplo. Em jovens com até 23 anos, que ainda estão com o cérebro em formação, a maconha pode produzir os principais problemas”, esclarece.

Sobre supostas propriedades terapêuticas da cannabis, Pechansky é taxativo: “Como médico, não encontro na substância delta-9 THC [princípio ativo da cannabis] qualquer benefício, quando comparada a outros medicamentos”. Segundo ele, os efeitos cancerígenos e colaterais da maconha são maiores do que os seus potenciais como remédio. “Liberação, descriminalização e regulação estão a serviço de usuários que queiram estar amparados em seu uso, comercialização e cultivo”, opina.





# Fortunas feitas de mitos

## Sociologia

*Livro investiga os mecanismos que favorecem a concentração de riqueza*

Ânia Chala

Durante 20 anos, o professor Antonio David Cattani dedicou-se a estudar o movimento sindical. Aliando a pesquisa à militância política, ele acompanhou a trajetória dessas organizações na construção de uma sociedade democrática e na luta por uma distribuição de renda mais justa. No entanto, sentia-se frustrado ao perceber os limitados avanços na redução de desigualdades. “Interessei-me, então, em entender as forças que permitem a concentração da riqueza. Desde 2004, tenho trabalhado sobre esse tema, e o livro é uma espécie de síntese do que já produzi. É também uma forma de refletir sobre o processo forte e contínuo que associa posições de poder ao aumento da riqueza concentrada em poucas mãos”, explica.

Conforme o docente do Departamento de Sociologia da UFRGS, de um lado, sua análise parte de uma perspectiva internacional, já que esse não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, mas observado em todas as economias capitalistas nos últimos 30 anos. De outro, faz um estudo mais específico sobre particularidades da situação brasileira, procurando entender como os detentores do poder econômico mantêm uma poderosíssima influência sobre todas as dimensões da



Um dos países-símbolo, quando se trata de avaliar as grandes desigualdades geradas pela concentração de riquezas, é Cingapura

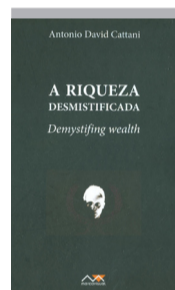
vida social em nosso país: política, cultura e comunicação, em especial.

**Capital especulativo** – O sociólogo resalta que, até quase o final do século XX, a história do capitalismo tinha uma base material, isto é, representava a produção física de alimentos, matérias-primas, máquinas. Ocorre que essa base hoje está subordinada ao capital financeiro. “O capital especulativo usa a base material apenas como um suporte para uma outra dimensão da riqueza, que transita rapidamente entre diferentes países, criando valores fictícios. Por exemplo: uma grande corporação compra fábricas de um determinado setor na Argentina e,

em questão dias, pode vender tudo que comprou e transferir os recursos para aplicações na bolsa de mercadorias de Chicago ou para o mercado de ouro. Isso cria um círculo destrutivo e altamente especulativo, marcado pela instabilidade e pela ganância”, argumenta.

Nos países norte-ocidentais, como os Estados Unidos, tal ganância resultou no que Cattani classifica como ‘ditadura do acionariado’, na qual o que interessa é o lucro imediato, mesmo às custas da destruição das empresas.

**Imagem construída** – Outro aspecto apontado por Cattani é o da personificação da riqueza. “Há cen-



### A riqueza desmistificada / Demystifying wealth

Antonio David Cattani  
Porto Alegre: Marca Visual, 2013  
208 páginas, edição bilingue  
R\$ 38 (valor médio)

tenas de casos de grandes executivos que comprometeram a saúde de empresas e saíram ileso, inclusive duplicando seu patrimônio pessoal.”

O professor ressalva ainda que muitos dos chamados empreendedores de sucesso foram na verdade favorecidos por processos fraudulentos e privilégios em privatizações.

“Muitos ícones do neoliberalismo, que cultivam uma imagem pública positiva, na verdade alcançaram o sucesso utilizando-se de mecanismos excusos e com alto custo social.” O autor também chama a atenção para a escala da riqueza, que hoje tem uma dimensão muito acima da nossa capacidade de apreensão.



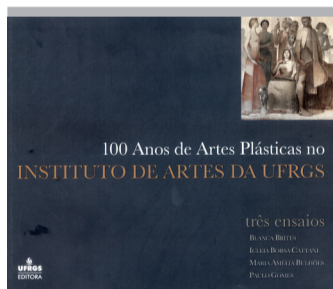
### Pulphhead – o outro lado da América

John Jeremiah Sullivan | São Paulo: Companhia das Letras, 2013  
326 páginas | R\$ 50 (valor médio)

## América (des)construída

À primeira vista, assuntos como a morte de Michael Jackson, a Disneylândia ou o furacão Katrina podem parecer não ter nada em comum. Em *Pulphhead – o outro lado da América*, todos são objetos de interesse de John Jeremiah Sullivan. A coletânea reúne 14 ensaios, antes veiculados em publicações como o *New York Times*, a *Harper's* e a *Paris Review*. O autor, aos 37 anos, é considerado um dos mais proeminentes escritores de não ficção de sua geração, sendo comparado a Tom Wolfe e David Foster Wallace – influências declaradas de Sullivan. Por mais díspares que sejam os temas abordados, sua voz os reúne, refletindo e ampliando cada um. O modo como ele se aproxima de suas fontes revela uma fiel aposta de que ali há uma história a ser contada. Os ensaios unem curiosidade à apuração rigorosa (o autor afirma passar meses colhendo dados e informações sobre um assunto em particular), a partir de inserções em ambientes inusitados, como um acampamento de rock cristão na Pensilvânia. Dessa forma, Sullivan vai

(des)construindo o ideal norte-americano: é sobre esta terra – e seus costumes – que ele domina. Suas histórias vão guiando o leitor em um tom leve e, por vezes, tragicômico – vide a experiência de quase morte de seu irmão mais velho e os fatos que subseguiram à sua consequente perda de memória. A presença do conceito de Deus também pauta seus escritos, que vêm sempre acompanhados de uma ponderação religiosa, cultural ou sociológica. Se Sullivan aborda o sucesso do pop ou de reality shows, uma reflexão aprofundada sobre o contexto acompanha o leitor. É interessante apontar que o subtítulo foi acrescentado à versão brasileira, não existindo no original. “O outro lado da América” resume bem o conteúdo da obra: seja passando pela experiência de usar alucinógenos na terra do Mickey ou se camuflando de membro do Partido Republicano em meio a uma passeata do *Tea Party*, Sullivan exulta a estranha corrente que atravessa a cultura estadunidense. (Rafaela Pechansky)



### 100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios

Blanca Brites, Icleia Borsa Cattani, Maria Amélia Bulhões e Paulo Gomes | Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012  
264 páginas | R\$ 45 (valor médio)

## Arte e antagonismos

Quem adentra o prédio de linhas modernistas do Instituto de Artes da UFRGS imediatamente se depara com duas reproduções em gesso das clássicas esculturas Vênus de Milo e Apolo do Belvedere. Adquiridas em 1910 pelo então diretor da Escola de Belas Artes Olinde de Oliveira para serem usadas nas aulas de desenho, as estátuas são bastante representativas de como as tendências artísticas se articularam nos 100 anos de arte no IA/UFRGS: segundo o professor e pesquisador Paulo Gomes, demonstram uma orientação da escola em direção a um posicionamento humanista e laico, liberto da tradição religiosa que marcara a educação brasileira. Foram, pois, parte da estratégia de legitimação institucional perante a opinião pública, cujo pensamento artístico estava fundado nos cânones clássicos. A partir desse e de outros relatos trazidos pelos autores em *100 anos de artes plásticas no Instituto de Arte da UFRGS*, é possível ir, aos poucos, desvendando a formação da instituição que mais tarde viria a ser parte da UFRGS e coletando informações preciosas

que permitam reconstituir parte significativa do processo de consolidação do campo artístico local. Os embates entre tendências como academicismo e modernismo, abstração e figurativismo vão sendo usados pelos autores para dar conta de retratar não só a organização do ensino, mas, sobretudo, para explicitar as dinâmicas por detrás dos processos de legitimação que estabeleceram o cânone local. Blanca Brites, ao refletir sobre a formação da classe artística no RS, conta, por exemplo, a trajetória de artistas como Yedo Titz e Nelson Wiegert, egressos do IA que empreenderam uma estilização até chegarem à eliminação do figurativo – ainda que este tenha permanecido como marca da pintura sul-rio-grandense. Nos 1980, período analisado por Icleia Cattani e Maria Amélia Bulhões, essa característica facilitaria a inserção de artistas locais na retomada da pintura figurativa então vigente, agora com ares de subversão. As imagens apresentadas no livro formam um texto visual que constrói uma narrativa quase autônoma, dando a exata dimensão do que as palavras pretendem descrever. (Everton Cardoso)





# Muita história para contar

## Literatura Atividade de contação forma leitores e recupera tradição

Samantha Klein

*Era uma vez um menino que somente conversava com seus botões. De nada adiantavam os esforços que os outros fizessem para que ele falasse: seja o mago, o hipnotizador ou ainda as famosas pílulas do doutor Caramujo, não tinha jeito, o garoto permanecia calado. Quando ninguém mais tinha esperanças, ele começou a falar com as plantas. Depois com os bichos, e depois...*

O parágrafo anterior resume o livro infantil *O dono da voz*, de Celso Sisto, apenas uma entre tantas histórias a serem contadas para públicos ávidos por novas aventuras. Por sua vez, quem é que vai preservar os mitos indígenas ou as lendas urbanas, como a *Rosa da cancela*, se esses causos não estiverem registrados nos livros? Quem poderá difundir o conhecimento baseado na oralidade e colaborar para perpetuar as tradições?

O contador de histórias possivelmente surgiu com a própria humanidade. Na idade pré-histórica, antes do desenvolvimento da fala, as narrativas eram entalhadas na pedra. Já os gregos desenvolveram a retórica e deram vida à mitologia ao mesmo tempo que os demais povos cultivaram seu próprio folclore, transmitindo-o à beira de uma fogueira. Com a evolução da escrita e do registro literário, o consumo de livros cresceu com a alfabetização, mas os contadores não perderam espaço. Ao contrário, se profissionalizam cada vez mais e transmitem emoção para crianças e adultos.

**Novos leitores** – O contador é um amante dos livros e tem como principal meta criar novos leitores. Justamente por conta disso é que deve priorizar a contação daqueles textos que o cativaram para transmitir essa sensação ao espectador. Com o intuito de aperfeiçoar o ofício, existem cursos de formação de contadores, como na biblioteca Lucília Missen, na Casa de Cultura Mário Quintana. Algumas oficinas priorizam a encenação teatral e outras buscam a simplicidade e o foco no livro, sem perder a qualidade narrativa.

Uma das contadoras mais conhecidas do sul do país, a escritora Marô Barbieri, ainda ressalta outro ponto-chave para conquistar o leitor: o contato visual. “O tamanho do público tem que ser aquele em que você consegue ver a última pessoa da plateia porque somente assim se estabelece uma relação. E,

para formar esse relacionamento entre quem fala e o ouvinte, existe todo um treinamento do olhar, dos gestos e da sonoridade com o objetivo de passar emoção de forma ainda mais intensa do que se fosse pela palavra escrita. Não basta ler uma história, é necessário conhecê-la a fundo para passar sentimento na narração.”

**Diversidade narrativa** – Os textos infantis ou adultos podem ser recriados na contação ou seguidos à risca conforme redigiu o autor. Como escritora, Marô prefere que seus textos não sejam modificados, mesmo assim, acredita que deva existir flexibilidade de acordo com a receptividade dos ouvintes. “Quando você está contando, a história é sua. Se a recepção é boa, você pode utilizar recursos. Pode estender o conto e incluir alguns detalhes. Ainda pode acrescentar ‘cacos’, que são as observações relacionadas com algo da realidade”, destaca. Já o improviso depende do próprio texto. Algumas narrativas precisam ser memorizadas diante do risco de perder a sonoridade, ou seja, são menos flexíveis à improvisação. É o caso de *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, história contada em formato de poema. Já os contos maravilhosos, que geralmente não têm autores, mas narradores, são muito mais maleáveis e podem ser recriados pelo contador.

A autora dos criativos *A Fada que colecionava manhãs* e *Pestiloide e o sumiço da chuva* destaca que a contação de histórias não tem idade. Todos os públicos podem ser contemplados, desde que os livros sejam adequados. Para os adultos, é mais fácil ampliar a compreensão com as diferentes versões de um conto de fadas, por

exemplo. *Chapeuzinho Vermelho* é um desses casos em que existem releituras desde Guimarães Rosa a Chico Buarque.

**Folclore preservado** – O ato de contar histórias ainda tem a função de cultivar lendas e relatos populares. A atividade pode representar um resgate da cultura de povos que estão a ponto de desaparecer. É nesse âmbito em que o ator e contador Paulo Bocca tem concentrado sua atividade literária. O escritor lembra que, em experiência recente em um festival de contação em Cuba, percebeu a importância da manutenção das raízes dos diferentes povos. “Ao apresentar algumas lendas do folclore gaúcho e contos indígenas que foram reunidos por Barbosa Lessa em livro, os cubanos se surpreenderam com a riqueza do país. Disseram nunca imaginar que o Brasil fosse tão rico culturalmente”, ressalta. Bocca acredita que não basta escrever e expor novas histórias, é fundamental preservar os mitos que formam o arcabouço cultural de diferentes civilizações.

Ele costuma utilizar o enredo da *Rosa da Cancela* como exemplo de parte do folclore gaúcho que está caindo no esquecimento. Paulo lembra que, na segunda metade do século XIX, existia uma estação de trem em Sapucaia do Sul, criada para ligar a colônia alemã a Porto Alegre. Na época, foi construída uma cancela no local para controlar a passagem de gado na região. Surgiu então a lenda de que o fantasma de uma bela moça, que tinha perdido o noivo, aparecia durante as madrugadas no local. Qualquer homem que a visse se apaixonaria, ao se aproximar e tentar abraçá-la, ficava louco. Porém, com as mudanças

na região e a retirada da cancela, poucas são as pessoas que conhecem o relato mítico.

É justamente essa a preocupação de Paulo Bocca. Ele acredita que, se não houver uma difusão por meio da contação de histórias, lendas como essa vão se perder definitivamente. Existe ainda o elemento de crítica em relação aos contadores que somente privilegiam os lançamentos. Apesar da crise do mercado editorial, os livros infantis ganham fôlego. “As editoras contratam profissionais para lançar as histórias infanto-juvenis, mas esquecem de ressaltar a importância do folclore”, sustenta.

## É preciso conhecer o enredo a fundo para passar sentimento na narrativa

**Choque de culturas** – Porém, a relação entre os mitos e contos populares indígenas com a cultura letrada dos livros poderia ser uma contradição. O Grupo *Quem Conta Um Conto*, formado por alunos e professores do Instituto de Letras da UFRGS, vem mostrando que pouco se sabe sobre a importância de preservar o conhecimento baseado na oralidade, algo praticamente negado pela civilização ocidental. A partir de um convite para falar sobre lendas guaranis na Escola Anhenpenguá, da aldeia Pkoá,

localizada na Lomba do Pinheiro, na capital, há dois anos, os contadores estão escrevendo uma nova história de trocas.

Mesmo que pareça um paradoxo a chegada de pessoas externas à comunidade indígena para descrever mitos que fazem parte da tribo, a professora Ana Lúcia Tettamanzy explica que os próprios líderes da aldeia relatam que a atividade significa a valorização do povo. Para as crianças, abre-se uma janela direta para a aprendizagem da língua portuguesa de forma lúdica e criativa. “Como eles são muito quietos e falam pouco o idioma português, a contação utilizando técnicas teatrais contribui para que eles desenvolvam a linguagem. Por outro lado, a expressividade deles, que é muito rica e cheia de poesia ao falar, justamente porque não há muito elementos fonéticos, continua presente e valorizada.”

Os membros do grupo também aprendem com a visão de mundo dos índios mbyá-guaranis. O conhecimento começa a partir da percepção de outros tempos e formas de planejamento. “No início, chegávamos com vídeos e textos longos, e adivinha? É claro que não poderia dar certo. Aprendemos, então, a compreender o modo como eles queriam ver a sua própria mitologia, já que para eles é realidade e não folclore. Além disso, como falamos português, encurtamos as histórias e, às vezes, inserimos cantigas de roda como *Escravos de Jó*, para fazer um intercâmbio cultural, e eles acabam gostando muito”, sublinha a pesquisadora. Para a contadora de histórias reais e inventadas, não são necessários muitos adereços para encantar o público, mas paixão pela literatura escrita e falada.



Leonor Pereira conta aventuras infantis na Biblioteca Lucília Missen da Casa de Cultura Mário Quintana



► **Redação** Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE



# Conferências UFRGS

**Educação ambiental** *Marcelo Alievi fala de projeto de extensão que atende animais marinhos e silvestres*

No dia 9 deste mês, o projeto Conferências UFRGS promove um encontro com o professor da Faculdade de Veterinária Marcelo Meller Alievi, a partir das 19h, na Sala Fahrion. “O convite ocorreu a partir das atividades que tenho realizado no Hospital Veterinário (HCV) e no Ceclimar, envolvendo o tratamento e a reabilitação de animais marinhos e silvestres com lesões ou traumas”, explica.

O docente acrescenta que o trabalho teve início em 2004, por meio de um acordo de cooperação entre a Faculdade de Veterinária e o Ceclimar, que previa o atendimento dos animais recolhidos pelo Centro de Reabilitação de Animais Silvestres e Marinhos (Ceram). Conforme o professor, a iniciativa também atendeu a uma demanda dos alunos de

graduação, que ansiavam pela oportunidade de tratar esses animais. “Mas percebemos que ainda havia muito por fazer e decidimos reformular o projeto, rebatizado com o nome de *Preservas – Núcleo de Conservação e Reabilitação de Animais Silvestres*. Ampliamos nossa atuação, incluindo atividades de formação e de educação ambiental junto a escolas. Também criamos uma residência em animais silvestres”, destaca.

Marcelo relata ter começado a se questionar como e por que os animais chegavam àquela situação: “Na maioria das vezes, o problema era provocado pela ação humana de forma direta ou indireta. Traumas resultantes de atropelamentos ou pela ingestão de lixo reciclável, como plásticos ingeridos por tartarugas, golfinhos e outros

animais marinhos. Aí vi que a abordagem do tratamento veterinário agia apenas sobre uma das pontas desse problema e que deveríamos tentar fazer algo preventivamente. Por isso, hoje buscamos sensibilizar a sociedade para o problema do descarte inadequado de lixo em rios, lagos e na beira-mar. Não tenho a pretensão de achar que essa iniciativa vá resolver o problema, mas, como professor, penso que temos a obrigação moral de dar o exemplo.”

Atualmente, o grupo é formado por docentes, pós-graduandos e graduandos dedicado a gerar conhecimento e pesquisa na área de animais silvestres. Na foto acima, o bolsista de extensão Lucas Domingues trata de uma coruja Jacurutu resgatada do litoral norte e enviada ao HCV.

## CINEMA

### Cinema Argentino Contemporâneo

A Sala Redenção apresenta um ciclo de filmes de cineastas argentinos, com produções inéditas nas telas do Brasil. Curadoria de Tânia Cardoso de Cardoso, Victoria Irsarri e Andrés Testagrossa. Entrada franca.

**CHAPADMALAL** (2009, 75 min), de Alejandro Montiel  
+ **TRES** (2012, 26 min), de Andrés Testagrossa  
Sessões: 1.º de outubro, 16h; 25 de outubro, 19h

**VAQUERO** (2011, 87 min), de Juan Minujín  
+ **LO QUE HARÍA** (2011, 17 min), de Natural Arpajou  
Sessões: 1.º de outubro, 19h; 2 de outubro, 16h

**PICSA, UN DOCUMENTAL** (2011, 77 min), de Raúl Manrupe  
+ **AWHENAJ** (2011, 10 min), de Alejandro Gallo Bermúdez  
Sessões: 3 de outubro, 16h; 17 de outubro, 16h

**CANCIÓN DE AMOR** (2012, 58 min), de Karin Idelson  
+ **NI UNA SOLA PALABRA DE AMOR** (2012, 7 min), de Javier Fernando Rodríguez (El Niño Rodríguez)  
Sessões: 3 de outubro, 19h; 4 de outubro, 16h; 31 de outubro, 19h



**EL AMOR (PRIMERA PARTE)** (2005, 110 min), de Santiago Mitre, Alejandro Fadel, Martín Mauregui,

Juan Schnitman  
+ **9 VACUNAS** (2012, 16 min), de Iair Said  
Sessões: 4 de outubro, 19h; 7 de outubro, 16h; 31 de outubro, 16h

**VIVAN LAS ANTÍPODAS** (2011, 26 min), de Víctor Kossakovsky  
+ **ALTIBAJOS DE UNPETISO** (2012, 13 min), de Fernando Milsztajn  
Sessões: 7 de outubro, 19h; 8 de outubro, 16h; 29 de outubro, 16h

**TOPOS** (2012, 101 min), de Emiliano Romero  
+ **NO ME AMA** (2009, 16 min), de Martín Pirovansky  
Sessões: 9 de outubro, 16h; 30 de outubro, 19h

**EL OJO DEL TIBURÓN** (2012, 91 min), de Alejo Hoijman  
Sessões: 10 de outubro, 16h; 24 de outubro, 16h

**TIERRA DE LOS PADRES** (2011, 100 min), de Nicolás Prividera  
+ **ANA Y MATEO** (2009, 17 min), de Natural Arpajou  
Sessões: 10 de outubro, 19h; 11 de outubro, 16h

**MEDIANEIRAS** (2011, 95 min), de Gustavo Taretto  
Sessões: 11 de outubro, 19h; 14 de outubro, 16h; 30 de outubro, 16h

**HACERME FERIAnte** (2010, 94 min), de Julián D'Angiolillo  
Sessões: 14 de outubro, 19h; 15 de outubro, 16h

**OSTENDE** (2011, 85 min), de Laura Citarella  
Sessões: 15 de outubro, 19h; 16 de outubro, 16h

**ESTRELLAS** (2007, 64 min), de Federico León, Marcos Martínez  
Sessões: 17 de outubro, 19h; 18 de outubro, 16h

**POMPEYA** (2010, 100 min), de Tamae Garateguy  
Sessões: 18 de outubro,

19h; 21 de outubro, 16h  
**BALNEÁRIOS** (2002, 80 min), de Mariano Llinás  
Sessões: 21 de outubro, 19h; 22 de outubro, 16h



**EL HOMBRE DE AL LADO** (2009, 101 min), de Mariano Cohn, Gastón Duprat  
Sessões: 22 de outubro, 19h; 23 de outubro, 16h; 29 de outubro, 19h

**LA INOCENCIA DE LA ARAÑA** (2011, 95 min), de Sebastián Caulier  
Sessões: 24 de outubro, 19h; 25 de outubro, 16h

### Sessões acessíveis na Sala Redenção

Exibição de filmes com recursos de acessibilidade e entrada franca.

**ANTES QUE O MUNDO ACABE** (Brasil, 2009, 100 min), de Ana Luiza Azevedo  
Sessões: 2 de outubro, 19h; AD; 9 de outubro, 19h, com legenda

### Dia Internacional da Animação

A Sala Redenção comemora a data com sessões gratuitas de curtas-metragens de desenhos animados nacionais e internacionais. Data: 28 de outubro  
Sessões: mostra infantil, 16h; mostra oficial, 19h30

## EXPOSIÇÃO

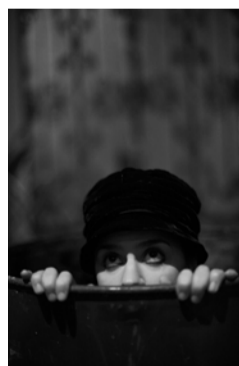
### Lugares do desenho

Mostra que apresenta trabalhos de jovens artistas e da professora Teresa Poester, obras coletivas do quarteto e também trabalhos de nomes consagrados como Fernando Lindote, Eduardo Haesbaert e Mauro Fuke.  
Visitação: até 11 de outubro  
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, das 9h às 18h  
Entrada franca

### Uma noite no museu

O projeto Unifoto apresenta o trabalho de Myra Gonçalves e Liliâne Giordano realizado no Museu Municipal de Caxias do Sul, com a técnica do *light painting*.  
Visitação: até 31 de outubro  
Local e horário: saguão da reitoria, de segunda a sexta, das 8h às 18h  
Entrada franca

## TEATRO



### Teatro, Pesquisa e Extensão

Mostra de peças dos alunos do curso de Teatro.

**TO BE OR NOT TO BECKETT**  
Monólogo inspirado na obra do autor irlandês. Texto, direção e atuação de Carolina Diemer. Orientação de Mirna Spritzer.  
Sessões: 2, 9, 16, 23 e 30 de outubro  
Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 12h30 e às 19h30  
Entrada franca

## ESPECIAL

### Fronteiras do Pensamento

Com o mote “ideias fazem diferença”, o Fronteiras 2013 discute causas socio-humanitárias globais por meio da reflexão de pensadores, cientistas e líderes vanguardistas em suas áreas de atuação.

**PERRY ANDERSON**  
Conferência com o historiador, ensaísta e ex-editor da *New Left Review*, publicação londrina com foco na crítica cultural e na economia global.  
Data: 14 de outubro  
Local e horário: Salão de Atos, 19h30  
Informações: [www.frenteirasdopensamento.com.br](http://www.frenteirasdopensamento.com.br)

## MÚSICA

### Núcleo da Canção

Espaço para a troca de conhecimentos sobre a canção popular brasileira.

**XAXADOS E PERDIDOS, COM SIMONE RASSLAN**  
Audição comentada do álbum que recebeu o Prêmio Açorianos de Música 2013. Mediação de Luciano Zanatta.  
Data: 14 de outubro  
Local e horário: Sala Fahrion, 19h  
Entrada franca com inscrições pelo site [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br)

### Vale Doze e Trinta

Projeto criado para estimular a convivência artística e cultural no Câmpus do Vale.

**MÚSICA PRA BATER PEZINHO SENTADO**  
Apresentação da banda Arthur de Faria & Seu Conjunto, que mistura os repertórios dos discos

“Música pra Bater Pezinho” e “Música pra Ouvir Sentado”.  
Data: 15 de outubro  
Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, 12h30  
Entrada franca

### Interlúdio

Projeto de recitais ao meio-dia e trinta no Câmpus Centro. Apresentações com entrada franca.

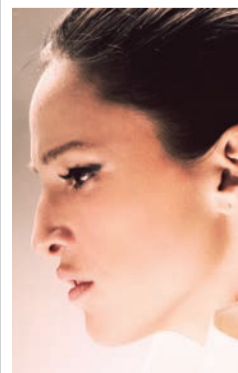
**BARLAVENTO**  
Apresentação do quarteto de saxofones que mescla ritmos brasileiros, portenhos e caribenhos ao jazz.  
Data: 18 de outubro  
Local e horário: Sala II do Salão de Atos, 12h30

### Lusamérica, Canções

O penúltimo show do projeto Unimúsica 2013 traz Carminho, cantora

portuguesa que desde a infância convive com o fado.

**ALMA**  
Espetáculo em que a cantora interpreta músicas de seu novo disco e canções pouco lembradas de Amália Rodrigues, Dina do Carmo e Fernanda Maria.  
Data: 23 de outubro  
Local e horário: Salão de Atos, 20h  
Retirada de senhas a partir de 21 de outubro no mezanino do Salão de Atos ou pelo site [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br).



## ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**  
Senhor dos Passos, 248  
Fone: 3308-4318

► **Pinacoteca Barão de Santo Ângelo**  
Senhor dos Passos, 248  
Fone: 3308-4302

► **Praça Central do Câmpus do Vale**  
Bento Gonçalves, 9.500  
Fone: 3308-3933

► **Sala Alziro Azevedo**  
Salgado Filho, 340  
Fone: 3308-4318

► **Sala João Fahrion**  
Paulo Gama, 110 – 2.º andar  
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**  
Luiz Englert, s/n.º  
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**  
Paulo Gama, 110  
Fone: 3308-3058



## Meu Lugar na UFRGS



### Administrando a pesquisa

Quem vai até o sétimo andar do prédio da reitoria buscar atendimento na Pró-reitoria de Pesquisa (Propesq) da UFRGS depara-se diretamente com Márcia Moeller, gerente administrativa do setor. Isso porque a mesa de Márcia fica em meio ao corredor de passagem a outras salas, em um ambiente cercado de diversas publicações acadêmicas. Foi uma das razões por que ela escolheu o fim de seu expediente para conversar com a equipe do JU, horário de menos circulação e de menos telefonemas para atender. Mesmo assim, a conversa foi interrompida diversas vezes por colegas que passavam se despedindo dela.

Em 1985, aos 23 anos e recém-formada em Enfermagem pela Unisinos, Márcia prestou concurso para se tornar servidora pública. Não sabia qual seria seu destino, apenas que havia se saído bem. Foi então que, poucos dias depois, foi chamada para trabalhar na parte administrativa da UFRGS. “Conhecia pouco das funções burocráticas, mas fui aprendendo gradualmente”, revela. Márcia iniciou sua trajetória no Instituto de Biociências, onde era responsável por questões burocráticas, controlando as salas de aula, a frequência das pessoas e as atas de reuniões. Trabalho aparentemente simples, mas que, na época, não contava com as facilidades oferecidas atualmente pela informática. E é essa uma das principais mudanças sentidas por ela desde que entrou na Universidade. Mas, mesmo hoje, Márcia busca o aperfeiçoamento constante, tendo realizado diversos cursos e treinamentos. Entre eles, uma especialização em Gestão Universitária e outra em Marketing. “Tenho de buscar conhecimento para utilizar os recursos humanos, materiais e financeiros do melhor modo possível”, explica.

Em 1999, uma mudança estrutural fez com que a servidora resolvesse trocar de departamento. O Instituto de Biociências foi transferido para o Câmpus do Vale, o que dificultaria o seu deslocamento, uma vez que residia em São Leopoldo. Recorreu, então, ao Setor de

Recursos Humanos da UFRGS para solicitar transferência para um lugar no Câmpus Centro. Foi apenas questão de encontrar alguém que ocupasse sua antiga vaga para que ela fosse chamada para trabalhar onde está até hoje: a Pró-reitoria de Pesquisa.

Na Propesq, Márcia revela ter aproveitado a experiência obtida no Instituto de Biociências para realizar suas funções de assistente em administração. Inicialmente, dedicou-se a trabalhos relacionados a editais e, nesse primeiro ano, não teve a chance de participar da organização do principal evento realizado pelo setor: o Salão de Iniciação Científica. Contudo, teve a oportunidade de observar todo o processo de produção e, no outro ano, já estava atuando diretamente, sendo posteriormente nomeada secretária do evento.

Hoje, o Salão de Iniciação Científica não é mais um projeto executado exclusivamente pela Propesq; ganhou novas dimensões, mas o envolvimento de Márcia permanece. Ela considera o encontro uma das mais importantes iniciativas da UFRGS. “É praticamente um relatório vivo do que acontece em termos de pesquisa dentro da Universidade”, avalia.

Ela considera especial seu vínculo com a Propesq, pois, além de ser o local onde passa boa parte de sua vida, é onde se sente desafiada diariamente em um exercício de motivação e de responsabilidade. Além, claro, de ser o lugar onde nasceram muitas amizades. “É muito enriquecedor ter essa convivência com diferentes pessoas.” A gerente administrativa também revela apreciar seu cotidiano fora do departamento, como, por exemplo, na hora do almoço, quando costuma aproveitar a sombra das árvores ao redor dos bares do Câmpus Central para dar uma descansada.

**Júlia Corrêa, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico**

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

## Perfil

# Mestre de gerações

**Milton Formoso**  
*Aos 85 anos, o professor emérito mantém a boa memória e a disposição para ensinar*

Há 61 anos envolvido com a UFRGS, o professor Milton Luiz Laquentinie Formoso já poderia ter deixado as salas de aula em 1997, ano de sua aposentadoria, mas lecionar e estar em contato com a Universidade diariamente é o que mantém seu entusiasmo aos 85 anos. “As forças do corpo começam a enfraquecer, mas por enquanto não penso em deixar de dar aula”, revela. Um dos resultados de sua dedicação é a lucidez, evidenciada pelas histórias detalhadamente contadas por ele. Formoso mantém uma memória de dar injeção a muito aluno.

Nascido em Pelotas, o professor veio para Porto Alegre ainda novo. Quando anunciou a mudança ao pai, foi avisado: “Vai, mas eu não posso te ajudar”. A família, formada sobretudo por intelectuais, não vivia um bom momento financeiro. Por isso, quando entrou no curso de Química, na Escola de Engenharia da UFRGS, precisou conciliar estudo e trabalho. Inicialmente, atuou como revisor do jornal *Correio do Povo*. Isso porque era o que o horário permitia – trabalhava três vezes por semana, das dez da noite às quatro da manhã, para não atrapalhar sua frequência às aulas. E também porque tivera um grande professor de língua portuguesa durante o ginásio, de cujos ensinamentos nunca esqueceu. Até hoje, quando revisa os trabalhos dos alunos, não deixa escapar os erros de português.

Dessa época, guarda ainda “ótimas” lembranças de quando residiu na Casa do Estudante da Universidade. Logo que veio para a capital, morou com parentes, mas percebeu que chegara a hora de obter independência, e a casa foi a alternativa mais acessível. “A gente tinha casa e roupa lavada; a comida era preciso pagar.” Quando foi monitor, responsável pelas finanças da moradia, um amigo lhe disse estar sem dinheiro, então ele ofereceu do próprio bolso, recusando-se a dar o da casa, relembra orgulhoso. “Era espetacular, a moral era muito elevada lá.”

**Carreira** – Já graduado, Formoso casou-se com Anna Maria, que foi sua mulher durante a vida toda. Eles haviam se conhecido em Pelotas, no Colégio Municipal Pelotense, mas esperaram se formar e estabelecer-se financeiramente para casarem-se em 1952. Anna faleceu no ano passado, mas a união permanece na

família que construíram, formada por cinco filhos e oito netos. Quatro filhos envolveram-se igualmente com a Engenharia e uma, com a Informática. Um deles, Carlos Torres Formoso, trilhou o caminho do pai: é professor de Engenharia Civil na Universidade.

Em 1957, Formoso foi convidado a lecionar disciplinas de química no recém-criado curso de Geologia da UFRGS. Foi a partir daí que ele começou a envolver-se com sua grande paixão: a Geoquímica. “Eu sempre gostei dessa área. Trabalhei muito em argila, cerâmica e solos. Então, eu já tendia para esse lado”, explica. Sempre com entusiasmo para aprender, especializou-se em Geoquímica nos Estados Unidos e na França e, posteriormente, fez doutorado na USP.

Nunca esqueceu do conselho recebido de um mestre quando ainda era aluno: “Um professor universitário não é só aquele que ensina, ele também deve fazer pesquisa”. Seguir essa recomendação foi fundamental para o desenvolvimento de sua carreira. Prova disso é que se tornou membro da Academia Brasileira de Ciências, tendo recebido prêmios de mérito científico de três presidentes da república: Itamar Franco, FHC e Lula. Modesto, justifica tantas honrarias pela idade avançada: “Não é mérito, é a longevidade”.

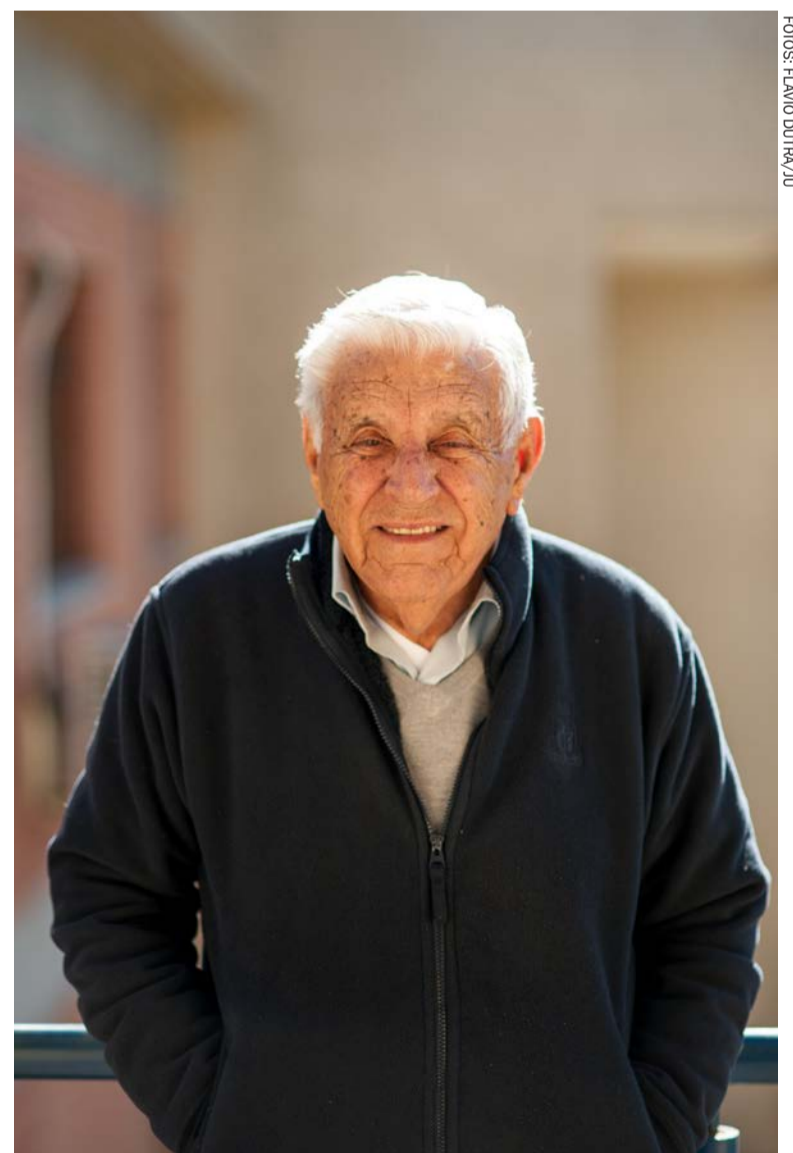
**Lazer** – É difícil conversar com Formoso sem que o assunto recaia em seu trabalho. Só depois de muitas histórias sobre sua carreira é que o professor, enfim, manifestou

seus gostos pessoais. “Só sei estudar e trabalhar em pesquisa, mas sou Internacional doente”, admitiu orgulhoso. Durante a conversa, ele demonstrou possuir opiniões sobre os mais variados temas, desde política até segurança pública, contudo fez questão de salientar que não leva assuntos polêmicos para a sala de aula.

Aos poucos, também revelou sua sensibilidade para a música: gosta muito de ouvir canções populares de artistas como Francisco Alves, Orlando Silva e Carmen Miranda. Mas confessou apreciar música clássica. Por isso que, em breve, pretende viajar para a Rússia. Até hoje, só viajou a trabalho. Conhece diversos países europeus, como Alemanha, Finlândia e Hungria, mas, dessa vez, deseja viajar por lazer. “Quero ir assistir a concertos de ópera e balé”, explica o geocímico entusiasmado pela arte.

Os frutos de sua dedicação ao ensino e à pesquisa ficam evidentes no próprio cotidiano na UFRGS, já que acaba trabalhando com colegas que um dia foram seus alunos. “São professores de alto nível”, garante. Fora da Universidade, encontra com frequência alunos bem-sucedidos, empregados da Petrobras, por exemplo, que lhe agradecem carinhosamente por ter sido tão exigente. “Eu cobrava muito, e eles brigavam comigo, mas hoje vejo que não fui tão mau assim”, orgulha-se o docente, que já orientou 47 mestres e doutores.

**Júlia Corrêa, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico**



FOTOS: FLAVIO DUFRÁ/JU

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local





# Conhecidos de vista

FOTOS LETICIA LAMPERT



1.

- Conhece o vizinho da frente?, pergunto a uma moradora.

- Não, ela me diz. Quer dizer, conheço de vista. Não sei o nome, mas sei, por exemplo, que todo dia de manhã ele toma seu café na sacada e gosta de comer um pãozinho junto. Vejo ele quase sempre, mais ou menos no mesmo horário. Mas o pessoal dali é meio esnobe, sabe? Quando veem que tem gente na janela da frente, já entram novamente em casa, nem cumprimentam.

2.

- Ali na frente mora uma senhora de idade, sozinha. Eu me preocupo com ela. Cuido dela daqui. Todo dia de manhã olho se ela abriu a janela. Então fico tranquila, sei que está tudo bem. Se um dia ela não abrir, é por que algo aconteceu.

3.

- Fique à vontade minha filha, não repare na casa. A casa é velha, sabe? Quer dizer, eu sou bem mais velha que a casa.

- E a senhora conhece alguém do outro prédio?

- Não. Também não para ninguém nestes apartamentos, estão sempre se mudando.

4.

Eu não conheço o vizinho da frente, mas sempre vejo ele deitado ali na sacada, às vezes tocando violão. Eu não sei quem ele é, mas acho que é uma pessoa bagunceira porque de vez em quando tem um monte de móveis e roupas espalhadas pela sacada.

5.

Eu abro a janela de manhã e fico olhando se o vizinho já abriu as janelas ou só a porta da sacada, se acendeu a luz, se tá iluminado. Isso me traz um conforto de que eu tenho uma relação com ele só de ver. Eu não sei quem é. É alguém que mora naquele edifício. Eu moro sozinha e me relaciono com ele só de olhar pela janela. Eu imagino que ele nem saiba que eu existo.

As imagens desta página são de Leticia Lampert, mestre em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS. As falas do texto acima são de alguns dos moradores dos apartamentos visitados no projeto "Conhecidos de vista", que discute uma situação comum no contexto urbano contemporâneo: vizinhos que não se conhecem formalmente mas que, pela proximidade forçada, podem tecer longas descrições sobre os hábitos mais banais dos outros.

"Conhecidos de vista" foi contemplado no II Prêmio IEAVI – Instituto Estadual de Artes Visuais e está sendo exibido na sala João Fahrion, na reitoria da UFRGS, até o dia 25 deste mês, dentro da exposição *Ver/Habitar*. Na mostra, o trabalho de Leticia divide o espaço com a videoinstalação "Lar, primavera, 2013", de Tula Anagnostopoulos.



**K**átia estuda geleiras, Eduardo, autofagia. O primeiro lugar que ela conheceu quando veio estudar na UFRGS foi a Antártica, em expedições coordenadas pelo professor Jeferson Cardia Simões. Eduardo, desafiado por seu orientador Guido Lenz, começou a pesquisar para seu TCC um tema que ajudaria a transformar o laboratório em que trabalha numa referência internacional. Os relatos da trajetória acadêmica de Kátia Kellem da Rosa e de Eduardo Chiela comprovam o quanto a pesquisa repercute na vida de todo aquele que é fisgado por ela.

“Eu não conhecia nem o Brasil e estava na Antártica!” O deslumbramento de Kátia quando realizou sua primeira expedição junto ao grupo de pesquisa do Centro Polar e Climático (CPC), órgão auxiliar do Instituto de Geociências, ficou registrado nas paredes da sala da casa de seus pais em Trindade do Sul, na Região do Alto Uruguai, onde eles penduram todas as fotos e recortes de jornal em que a jovem aparece. Filha única de pai agricultor e mãe professora do ensino fundamental, Kátia assegura: “Ainda hoje são poucas as pessoas que saem de uma escola estadual do interior e conseguem ir para uma universidade federal”.

Ainda que a UFRGS não tivesse um sistema de cotas quando ela passou no vestibular para o curso de Geografia, Kátia aproveitou cada auxílio ao estudante disponível. No primeiro semestre, conseguiu uma bolsa para trabalhar na biblioteca de sua unidade, o que lhe permitiu dividir o custo do aluguel do apartamento em que morava com outros estudantes. As refeições que fazia no RU foram fundamentais para seguir os estudos tão longe da família: “Lá eu tomava café da manhã, almoçava e jantava”, recorda. Logo que pôde, tornou-se bolsista voluntária no CPC, passando um ano depois a ser remunerada pelo valor mensal de R\$ 250. “Aí a situação ficou um pouco melhor”, acrescenta.

A essa altura, a paixão pela pesquisa havia conquistado a jovem estudante e ela foi aprendendo o que implicava a nova tarefa em termos de exigências e desafios. Um deles foi vencer a barreira do inglês. Como não tinha dinheiro para pagar um curso, aproveitava cada tempo livre para traduzir palavra por palavra dos textos sugeridos pelo professor. Ela passava o dia todo no laboratório e fazia as disciplinas do curso à noite. Por conta disso, Kátia já não se imaginava longe do laboratório. “Eu tinha um objetivo”, explica. Propósito que a mantém ligada ainda hoje ao CPC, mesmo que há dois anos atue como docente na Universidade Federal da Fronteira Sul, depois de haver cursado o mestrado e o doutorado em Geociências na UFRGS. “Faço o que gosto e agora tenho condições de ter uma vida um pouco melhor, de chegar ao supermercado e comprar o que quero. Isso também é importante”, acrescenta.

Diferentemente de Kátia, Eduardo pôde contar com o suporte financeiro da família durante seus anos de estudos universitários. Mesmo agora, enquanto finaliza o doutorado no Programa de Pós-graduação em Biologia Celular e Molecular. Ambos, entretanto, desenvolveram a mesma atração pela investigação científica, ainda que isso representasse horas de isolamento e reflexão a partir dos dados coletados. Foi justamente quando se sentiu desafiado a pensar criticamente a Ciência, nas aulas de Biofísica II com o professor Guido Lenz, que Eduardo decidiu que iria concorrer a uma bolsa de Iniciação Científica (IC) no Laboratório de Sinalização Molecular, para trabalhar ao lado do mestre. Era 2006 e ele estava no terceiro semestre do curso de Biomedicina.

“Quando olhei meu caderno no final do primeiro semestre, havia escrito um monte de coisa errada. Levei um tempo pra me acostumar com a rotina do laboratório. Porque pesquisa é isso: hoje se faz uma coisa e já se tem que pensar a partir disso pra direcionar o que se vai fazer amanhã. Acho que todo mundo tem esse choque e fica meio perdido no começo.”

Na iniciação científica, Eduardo auxiliava na análise de mecanismos celulares, que são todos os processos fisiológicos executados pelas células para se manterem vivas. Um desses mecanismos é a autofagia. A partir de seu TCC, ele passou a centrar seus estudos na autofagia de células tumorais. “Acreditamos que a modulação da autofagia pode ser central para obtermos um avanço na terapia de tratamento dos tumores agressivos, como os cerebrais”, resume, destacando a relevância dos estudos. A experiência exitosa de seu TCC fez com que Eduardo hoje aconselhe pesquisadores iniciantes: “Quando você quer estudar uma coisa nova, tem de acreditar nela, pois é mais fácil defender uma ideia que está batida, até porque já tem muita gente pesquisando sobre ela”. Ele ressalta a inquietação permanente de seu orientador, no sentido de estar aberto ao inexplorado: “O que é novo tem pouca gente, e a chance de estourar é muito grande. E foi o que aconteceu comigo. É exponencial o número de trabalhos sobre autofagia desde que começamos, lá atrás, no meu trabalho de conclusão de curso”.

# Fisgados pela ciência

**Salão UFRGS** Alunos e docentes avaliam os resultados do engajamento em projetos de ensino, pesquisa e extensão para a carreira acadêmica e profissional

TEXTO **JACIRA CABRAL DA SILVEIRA**

**Kátia Kellem da Rosa participou de quatro expedições ao continente gelado**







# Antes do frio na

Cada minuto que separa o dia da inscrição no Salão UFRGS do momento da apresentação põe à prova a capacidade de gerenciamento do estudante para dar conta de assistir às aulas, estudar para provas, fazer trabalhos, preparar-se para o evento e viver – se possível – aos finais de semana. Exageros à parte, conforme a experiência da cada um, seja o primeiro ou o enésimo salão de que participa, há sempre a corrida para fazer o melhor e o frio na barriga que antecede o grande dia.

**UFRGS Jovem** – Emanuel Thiel é aluno do segundo ano do ensino médio do Colégio de Aplicação e vai participar pela segunda vez do UFRGS Jovem. Ele não lembra o tema do primeiro trabalho, que acabou inscrevendo no Salão motivado pela mãe. Agora é diferente: desde o início do ano ele recebe uma bolsa e participa de um projeto coordenado pelo Centro de Tecnologia Acadêmica do Instituto de Física, desenvolvido em parceria com o Aplicação.

Sentado diante da bancada na qual desenvolve com mais cinco colegas a construção de estações meteorológicas de baixo custo, confessa que aceitou o convite do seu professor de Física, Rafael Vasques Brandão, “porque ele disse que ia ter o dinheiro da bolsa”. Constrangido pela resposta do aluno, Rafael pede para entrar na conversa e enfatiza a importância do projeto

e o quanto é importante o envolvimento dos alunos. Mas o comprometimento de Emanuel fica evidente quando ele mostra o quite que comprou com o dinheiro da bolsa para construir seu protótipo, enquanto os demais colegas usam as peças distribuídas pelo projeto.

Sempre tranquilo, Emanuel relata todo o histórico de como vem se desenvolvendo cada etapa da pesquisa e, com ar de quem naturalmente domina o assunto com o qual trabalha, explica como vai ser possível fazer o monitoramento dos microclimas de Porto Alegre quando as escolas tiverem protótipos de estações meteorológicas como as que está desenvolvendo. Por já ter ministrado oficinas sobre o projeto nas atividades do Instituto de Física durante o *Portas Abertas* deste ano, Emanuel diz que se sente mais seguro para quando tiver de explicar sua pesquisa aos visitantes do Salão.

**Iniciação Científica** – Gabriel Galvan Perera é aluno do sexto semestre do curso de Engenharia Civil e está inscrito no Salão de Iniciação Científica (SIC). Como os colegas do Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais (LEME), onde é bolsista desde o ano passado, acabou deixando para os últimos dias o envio do resumo de seu trabalho. Escrever não é com ele, justifica-se. Ao mesmo tempo, reco-

nhece que não dá para ser engenheiro sem saber pelo menos redigir relatórios inteligíveis.

Ele começou a desenvolver sua pesquisa em janeiro deste ano e em março já havia realizado um programa experimental, que foi avaliado por seu orientador. Depois, ao longo de três meses, fez atividades práticas de concretagem, usando o carro de sua mãe para buscar os resíduos resultantes do trabalho de uma ONG à qual o LEME presta assessoria. Tudo foi detalhadamente fotografado para que pudesse usar as imagens no pôster digital que até o dia da entrevista ainda não havia sido concluído. “Para cada 4 quilos de agregado, um quilo de cimento e 700 mililitros de água”, eis a receita final que ele vai apresentar em sua sessão no SIC.

Entusiasmado com seu projeto, Gabriel busca agregar ao objetivo de seu grupo de estudos – tornar mais permeável o concreto que cobre a superfície das grandes cidades – o enfrentamento de outro problema dos centros urbanos: a atividade da construção civil é

responsável por mais de 50% dos resíduos sólidos gerados em grandes cidades. “É cada vez mais caro dar destino a esses entulhos, pois a cada dia o depósito está mais longe.” Seu projeto propõe substituir a brita basáltica, usada até então, pelo composto resultante da reciclagem do entulho de obras.

**Extensão** – Yuri Pinheiro Sias está no sétimo semestre do curso de Agronomia, e essa será a terceira vez que participa do Salão de Extensão (SE). Ele faz parte do grupo Uvaia (Uma Visão Agronômica com Ideal Agroecológico), que tem a colaboração do professor Fábio Dal Soglio. Esse grupo surgiu em 2003 por demanda dos próprios alunos, interessados em discutir temas ligados à Agroecologia. Posteriormente, a Universidade destinou duas áreas junto à faculdade para que eles desenvolvessem seus estudos: a Estufa da Biodiversidade Agroecológica e o Pomar Agroflorestal.

Eles participarão do SE no chamado Espaço da Biodiversidade, onde exporão as

## Estudantes relatam os preparativos que envolvem suas apresentações





**Na finaleira – (em sentido horário) Henrique Machado Rolim, que cursa o 5.º semestre de Agronomia e integra o grupo UVAIA, cuida das plantas que irá expor no espaço da Biodiversidade do Salão de Extensão; Emanuel Thiel, aluno do Colégio de Aplicação, finaliza um protótipo de estação meteorológica a ser apresentado no Salão UFRGS Jovem; e os estudantes de Teatro Anderson Moreira Salles, Catharina Conte e Mariana Rosa gravam textos radiofônicos para o Salão de Iniciação Científica**

## Um megaevento

Mais de quatro mil estudantes estarão apresentando seus trabalhos no Salão UFRGS 2013, que ocorre de 21 a 25 de outubro no Câmpus Centro. Criado como estratégia para unificar os diferentes salões que a Universidade promovia ao longo de seu calendário escolar, atualmente o Salão reúne nove promoções simultâneas: XXV Salão de Iniciação Científica (SIC), XIV Salão de Extensão, IX Salão de Ensino, VIII Salão UFRGS Jovem, III Feira de Inovação Tecnológica (Finova), III Feira de Relações Internacionais, III Salão de Pós-graduação, III Salão de Gestão Ambiental e III Feira de Popularização da Ciência.

“Desde sua primeira edição, essa estratégia se mostrou correta, pois há uma conjugação de esforços das diferentes instâncias envolvidas, como pró-reitorias, secretarias, coordenadorias, além do envolvimento de diferentes unidades acadêmicas para que os nossos tradicionais salões se desenvolvam de forma coordenada em torno de temáticas comuns”, observa o vice-reitor Rui Vicente Oppermann, coordenador do evento: “Neste ano o tema do Salão UFRGS é *Universidade, desafios da sociedade*”.

A cerimônia de abertura ocorrerá no Salão de Atos, às 17h do primeiro dia, tendo como palestrante o sociólogo e educador peruano Oscar Jara, responsável por iniciativas de educação popular em toda a América Latina, em países da Europa, do sudeste asiático e no Canadá.

Uma das novidades deste ano é a substituição dos pôsteres físicos pelos totens digitais nos quais os visitantes podem visualizar os trabalhos de Iniciação Científica, Ensino, Inovação e as informações a respeito das Relações Internacionais. Além da área central do evento,

próxima à Faculdade de Educação, haverá atividades no prédio novo de salas de aula junto à Faculdade de Direito e no Instituto de Ciências Básicas da Saúde.

Se, para organizar o pioneiro SIC, que já está em sua 25.ª edição, era necessário mobilizar grande número de pessoas, o Salão UFRGS tornou-se um megaevento acadêmico, demandando maior estrutura organizacional. Em média, cada setor destaca até dez pessoas, que ficam encarregadas de operacionalizar as atividades. Considerando somente as comissões julgadoras, encarregadas das avaliações e do julgamento dos projetos de iniciação científica, de inovação tecnológica e dos jovens pesquisadores do ensino médio, envolvem-se nesse trabalho mais de mil professores.

Segundo Marininha Aranha Rocha, ex-vice-pró-reitora de Pesquisa e uma das criadoras do SIC, o envolvimento dos estudantes nos salões e feiras é total. Ao recordar os muitos anos na organização do SIC, ela comenta a imagem que ficou em sua memória: “A gente não sabe mais quem é aluno e quem é professor, todos estão ali envolvidos na paixão da pesquisa”, assinala.

Carlos Alexandre Netto, antes de se tornar reitor da Universidade, passou pela experiência de iniciação científica como bolsista do professor Ivan Izquierdo, enquanto aluno de Medicina da UFRGS. Com base em suas lembranças e do que representou em sua vida de estudante o envolvimento com a IC, ele recomenda àqueles que estão estreando no Salão: “Façam tudo com bastante dedicação, mas não se preocupem em demasia, isso faz parte de um aprendizado acadêmico que acontece numa sequência, à medida que passam os anos”.

## Sob o olhar do orientador

A expansão da pós-graduação brasileira, passando de 38 cursos em 1965 para os mais de 30 mil grupos de pesquisa atuando hoje no país, somada à criação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo CNPq, na década de 90, é responsável pela mudança no panorama científico brasileiro. A avaliação é de Francisco Salzano, professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular e um dos primeiros estudantes da UFRGS a trabalhar em iniciação científica na Universidade. Era 1950 e ele estudava Genética com o Antônio Rodrigues Cordeiro. Hoje, Salzano orgulha-se em dizer que a maioria de seus 91 orientandos de mestrado e doutorado também passaram pela IC.

Mirna Spritzer, atriz e docente do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes, também considera positiva a experiência de pesquisa para os graduandos. Embora mais recente, o Programa de Pós-graduação do IA vem crescendo ao longo dos anos, com a criação de novas linhas de pesquisas e a oferta de vagas para bolsistas.

Mirna recorda que, quando começou a estudar *O trabalho do ator voltado para o veículo radiofônico*, em 1994, havia só mais uma pesquisadora em seu departamento, reflexo do que acontecia no resto do país. “Isso tem mudado. Há cinco anos, a Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas tinha 300 membros e hoje já temos mil sócios.” Para ela, esse crescimento é proporcional à expansão do número de trabalhos apresentados nos salões realizados durante a semana acadêmica.

Dizendo-se completamente conquistada pela tarefa de orientar estudantes, a atriz comenta a satisfação de perceber o crescimento,

especialmente dos bolsistas da graduação. Se de início eles chegam sem saber bem por onde andar, aos poucos vão encontrando o seu problema de pesquisa. Essa evolução também acaba repercutindo na hora de definir o tema do TCC, que no curso de Artes Cênicas é chamado de “estágio de atuação”.

Cláudia Lima Marques, professora de Direito Internacional Privado, assim como Mirna, destaca as consequências definitivas da participação no Salão UFRGS na vida acadêmica dos alunos de Direito. Para ilustrar, cita vários ex-bolsistas que, mesmo não tendo sido premiados no SIC, persistiram em suas pesquisas, o que contribuiu para que, ao final do curso, conquistassem ocupações importantes, como primeiro lugar no Instituto Rio Branco, na Defensoria Pública da União, sem contar as inúmeras carreiras internacionais.

Mas nem sempre foi assim. Nas primeiras edições do SIC não havia sessões de trabalhos na área do Direito, até porque, “numa visão clássica do Direito, a pesquisa é feita de forma individual, só o professor a faz. Os alunos podiam fazer estágio nos escritórios de advocacia, mas não pesquisavam”. Atualmente são 14 grupos de pesquisa e, diferentemente da maioria dos cursos, quase a totalidade dos alunos participa, seja como bolsista ou voluntário.

Quanto aos aprendizados da IC, Cláudia diz que uma das lições mais importantes é transformar a curiosidade em perseverança: “A curiosidade se assemelha ao que ocorre quando você abre o Windows, vai abrindo várias janelas e tudo é interessante. Já a pesquisa exige que você se aprofunde nas coisas. E no meio dessa caminhada tem o enfrentamento das frustrações, a solidez do conhecimento, o saber o quanto ainda não se sabe”.

# barriga

diferentes plantas e mudas com as quais realizam seus estudos. No dia em que a equipe do Jornal da Universidade falou com o grupo, eles estavam por agendar a reunião na qual fariam a programação do Salão, distribuindo as tarefas para os mais de dez integrantes. Porém, algumas coisas já estavam mais do que definidas, assegurou Yuri. Uma delas é a doação de mudas: “Pela nossa experiência, sempre vem alguma senhorinha que entende de plantas conversar com a gente”. E a cada muda ofertada, eles anotam o nome de quem a recebeu e o endereço para onde ela vai: “Temos de acompanhar para ver se estão sendo bem tratadas”, explica.

Outra certeza que eles têm é de que vão precisar agendar um carro da Universidade para transportar todas as mudas e demais materiais necessários para montar seu espaço no evento: “A gente carrega o carro aqui [na Agronomia], leva lá para o Câmpus do Vale, onde fica a sede do grupo Viveiros Comunitários, carrega lá e vamos para o Salão!”, Yuri descreve o trajeto já conhecido. Márcia Neves, outra integrante do grupo e estreado no evento, comenta que está empolgada com a ideia de mostrar para outras pessoas, seja da Universidade ou de fora dela, o que eles fazem no Uvaia: “Para que eles possam conhecer um pouco o que é a agroecologia e o que ela faz pelas pessoas”.

**FINOVA** – O trabalho que Felipe Palombini, aluno do sétimo semestre do curso de Design de Produto, vai apresentar na III Feira de Inovação começou na beira da praia, quando ele e outros colegas do Laboratório de Design e Seleção de Materiais (LdSM), onde é bolsista há dois anos, começaram a recolher pequenos detritos de plástico jogados na areia: “Isso leva muitos peixes à morte”, comenta. O material já tinha um destino certo.

Com as 90 peças recolhidas, Felipe começou sua pesquisa: queria saber até que ponto a ação dos raios infravermelhos do sol e a salinidade da água do mar afetavam a estrutura do polímero jogado fora, alterando as características do material. Usou como contraponto o polímero virgem, aquele extraído do petróleo. O pequeno documentário de 5 minutos que ele produziu para o Finova dá conta de todo o processo desenvolvido, comprovando que é possível reutilizar tais resíduos na indústria normalmente. “Os resultados foram bem positivos; conseguimos desempenho bem similar ao do polímero virgem, mesmo nas condições em que se encontravam [degradados]”.

Quem quiser comprovar esses e os demais trabalhos e experimentos dos alunos dos 89 cursos da Universidade deve visitar o Salão UFRGS 2013. A programação completa está disponível em [www.ufrgs.br/salaoufrgs](http://www.ufrgs.br/salaoufrgs).



VICTOR SOARES/AGÊNCIA BRASIL



# Ciência onde o povo está

“Temos de fazer uma revolução na educação científica no país, e os jovens da universidade são decisivos para isso”

Envolvido com divulgação de C&T desde sempre, o físico e professor da UFRJ Ildeu de Castro Moreira recebeu, no início do ano, o Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica do CNPq. De 2004 até o início deste ano, dirigiu o Departamento de Popularização e Divulgação de Ciência e Tecnologia do MCTI. Nesse período, criou a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, evento que ocorre neste mês no mesmo período do Salão UFRGS. Para Ildeu, a iniciação científica é um dos programas mais exitosos no Brasil: “Grande parte dos professores das universidades brasileiras veio da experiência de iniciação científica”, ressalta. Em entrevista especial ao Caderno JU, o professor analisa o percurso da carreira científica no país e fala da importância da difusão do saber na sociedade: “Cientista é como artista, *tem de estar onde o povo está*, porque Ciência tem a ver com as pessoas, com o dia a dia delas”.

**O neurologista Miguel Nicolelis diz que gostaria de ouvir as pessoas discutindo Ciência nos bares. É possível?**

Esse é um processo longo, lento e importante. Já se avançou bastante no Brasil nos últimos anos nesse sentido, mas ainda temos um caminho imenso a percorrer. Você constrói isso desenvolvendo uma cultura voltada à Ciência, o que leva décadas. Por isso, fazer com que os conhecimentos básicos dessa área sejam assunto para conversa depende de toda uma política maior de colocar temas científicos na mídia, assim como de criar mais espaços de Ciência. Nós já fizemos várias iniciativas no Brasil, como o *Shop Científico* e a *Cachaça Científica*, que discutia a história da Física. Foram todas iniciativas que podem ser realizadas em outros lugares, porque você pode discutir Ciência num bar.

**Quais os principais desafios e as maiores realizações que obteve no MCTI?**

Independentemente das dificuldades, começamos a construir uma política pública para a área da popularização da Ciência, o que se traduz em apoio diversificado. Um deles é o suporte financeiro. Nesse período, fizemos cerca de 30 editais para museus, atividades de divulgação, feiras, mostras, olimpíadas e vários outros tipos de ações de divulgação científica. Em parceria com o CNPq, encaminhamos pelo menos dois mil projetos nesse setor. O departamento tinha um orçamento anual em torno de R\$ 30 a R\$ 40 milhões. E eu acredito que nesses nove anos tenhamos investido cerca de R\$ 500 milhões em atividades diversas. Em parceria com o MEC, fizemos o Portal do Professor, que cumpre importante papel na divulgação de Ciência de forma mais ampla. Um dos resultados significativos da criação de uma política pública de divulgação científica foi o estímulo às fundações de amparo à pesquisa, que também começaram a desenvolver programas nesse sentido. Foi o que aconteceu na Fapeam (Amazonas), na Fapemig (Minas Gerais), na Facepe (Pernambuco), na Fapesb (Bahia), na Fapern (Rio Grande do Norte), na Fapes (Espírito Santos) e na Faperj (Rio de Janeiro). Todas elas fizeram atividades em maior ou menor escala e permanecem atuando fortemente na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

**Qual a participação de nosso estado?**

No Rio Grande do Sul, às vezes [as ações de divulgação científica] têm mais intensidade, às vezes menos. O problema é que é uma atividade que depende muito do envolvimento dos governos locais. Entra um, sai outro, muda secretário, e por vezes os gestores não entendem o espírito da coisa. A alternância de poder é inquestionavelmente democrática, mas é importante haver continuidade dos programas, especialmente daqueles que estão funcionando bem. Cada governo que entra tem o direito de rever o que o outro está fazendo, mas em áreas como C&T, educação e saúde a continuidade dos programas é decisiva.

va. Fica parecendo que a atividade era do outro governo, e não é, é uma atividade do Estado.

**O bioquímico Leopoldo de Meis percebeu que os estudantes de Medicina não sabiam fazer Ciência e iniciou pesquisas nesse sentido. O que o senhor tem a dizer sobre isso?**

O que ele identificou é o que a gente constata todo o dia na universidade brasileira: nossos universitários têm pouco estímulo e pouca oportunidade de praticar com a sociedade atividades de divulgação relativas às suas áreas de conhecimento. Na UFRJ, estamos discutindo um programa para que os estudantes tenham obrigatoriamente de fazer 10% de seus créditos em atividades de extensão, que podem ser exatamente esse contato com escolas, montando laboratórios ou ajudando em museus de Ciência. O desafio de melhorar a educação científica no Brasil é gigantesco, e nossos indicadores são muito ruins, por isso é fundamental a participação dos universitários de graduação e de pós-graduação nesse processo. Ela pode alterar significativamente um problema que não conseguimos resolver há anos, que é melhorar a educação básica. Mas esse trabalho não deve se limitar às escolas, mas se estender à população: nas comunidades, nos bares, seja onde for.

**Por que os laboratórios de Ciências das escolas, especialmente as públicas, estão inoperantes? Por que o ensino de Ciências ainda é feito sem a experimentação?**

Essa tem sido uma briga nossa por anos. Existem várias licenciaturas em Ciências no Brasil que preparam para o experimento, só que o número de alunos formados nessas licenciaturas – de boa qualidade – é muito pequeno. A grande maioria daqueles que dão aula no ensino superior teve sua formação em universidades que não tinham laboratório. Eu já fui a algumas instituições nas quais os laboratórios resumiam-se a dois ou três aparelhos trancados num armário. Depois reclamam de um professor de Física! Mas muitas vezes ele fica assustado porque a escola até tem um laboratório, mas ninguém sabe usar. Por outro lado, a escola, com honrosas exceções, não percebe que a experimentação é decisiva, não é uma ‘complementaçãozinha’ que se faz quando sobra tempo. Temos de fazer uma revolução na educação científica no país, e os jovens da universidade são decisivos para isso. Mas há vários entraves aí: perceber que é importante e que não pode ser uma intervenção nas escolas. Não dá pra se chegar às escolas dizendo “ah, eu sei tudo, sei como fazer”, porque às vezes isso não é verdade! Existem muitos professores nas redes de ensino que fazem um trabalho legal e que devem ser valorizados. Agora, por exemplo, os professores de educação básica podem se candidatar aos editais da Capes para participar de simpósios em suas áreas. Antes só doutores podiam concorrer, e muitos deles iam aos eventos para discutir o ensino de Ciências, diziam maravilhas, mas não estavam na escola. São os professores que precisam desesperadamente disso – ou somos nós que precisamos desesperadamente que os professores das escolas estejam atualizados, interessados e estimulados?

**E quanto ao setor empresarial, como o senhor percebe a aproximação desse segmento à produção científica?**

Esse é um gargalo histórico no Brasil. Em outros países, a participação da iniciativa privada no apoio às atividades de pesquisa e de desenvolvimento é muito grande. Aqui, a maior parte dos recursos destinados à C&T vem do poder público. Ainda que essa situação tenha melhorado nos últimos anos, boa parte do empresariado brasileiro fica esperando que o governo banque tudo e não se arrisca. É um dilema muito grande. Também nas iniciativas educativas e de divulgação científica – que em outros países têm participação substancial da iniciativa privada –, no Brasil há um investimento muito pequeno.